



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS:
CONTEXTOS LUSÓFONOS BRASIL-ÁFRICA**

JUCY SILVA

**A ESCRITA QUE TRANSFORMA: ESCRIVIVÊNCIAS AFRO FEMININAS
EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO ENSINO MÉDIO - SALVADOR-BA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2026

JUCY SILVA

**A ESCRITA QUE TRANSFORMA: ESCRIVIVÊNCIAS AFRO FEMININAS
EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO ENSINO MÉDIO - SALVADOR-BA**

Dissertação apresentada como requisito para a
obtenção do título de Mestre em Estudos de
Linguagens: Contextos Lusófonos Brasil-África -
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB – Campus
dos Malês.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carla Verônica
Albuquerque Almeida

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2026

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S58e

Silva, Jucy.

A escrita que transforma : escritas afro femininas em uma escola pública do Ensino Médio - Salvador-BA / Jucy Silva. – 2026.

98 f. : il., color.

Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens: Contextos Lusófonos Brasil-África) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2026.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carla Verônica Albuquerque Almeida.

1. Escrita. 2. Jovens negros – Salvador (BA). I. Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia – Estudo de casos. II. Projeto Escolar Escritas Afro-Baianas. III. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 869.09

JUCY SILVA

**A ESCRITA QUE TRANSFORMA: ESCRIVIVÊNCIAS AFRO FEMININAS
EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO ENSINO MÉDIO - SALVADOR-BA**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens: contextos lusófonos Brasil-África - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB – Campus dos Malês.

Aprovada em: 05/02/2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Carla Verônica Albuquerque Almeida (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof.^a Dr.^a Lucilene Resende Alcanfor (Avaliadora interna)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof.^a Dr.^a Hildália Fernandes Cunha Cordeiro (Avaliadora externa)

Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (UNEB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e aos orixás, caboclos e, em especial, aos *ibejis*, *erês* e *curumins*, forças espirituais que me sustentam, protegem e guiam toda minha caminhada.

À minha filha, Beatriz Inarê Silva e ao meu neto, Dayô Silva, razões maiores da minha existência e fonte diária de amor e esperança.

À minha tia Noêmia de Oliveira Vianna, matriarca da minha família, referência de força, cuidado e sabedoria, cuja trajetória sustenta e inspira as gerações que vieram depois.

Às minhas sobrinhas Maria Luiza Silva, Ana Vitória Silva, Jasmim Conceição, Maria Júlia Santos e Isabelle Viana, pela presença afetuosa, pela alegria, pelos aprendizados cotidianos e por representarem o futuro.

À minha orientadora, Carla Verônica Albuquerque Almeida, pelas orientações precisas e pelo apoio durante todo o processo de construção desta dissertação.

Às professoras Hildália Fernandes e Lucilene Alcanfor, pelas contribuições acadêmicas, pela generosidade intelectual e pelo incentivo ao longo da construção do trabalho.

Aos professores e colegas do Programa Mel Malês/Unilab pelos aprendizados compartilhados, pelas trocas afetivas e pela construção coletiva do conhecimento.

Ao Instituto Cultural Steve Biko, que me ofereceu régua e compasso para chegar até aqui, sendo referência fundamental na minha formação política, intelectual e identitária.

Às minhas amigas e parceiras de trabalho, Liliane Vasconcelos e Hilma Cerqueira, com quem compartilho o projeto Escrivivências Afro-Baianas.

Às minhas amigas-irmãs Miriã Fonseca, Rosane Ferreira, Lilian Silva, Maria Angélica Brito, Tarry Cristina Pereira, Luciana Reis, Jussara Jorge, Rita Cristiane, Maciel e Andreia Lisboa pela amizade e afeto.

Aos amigos Silvio Humberto Passos Cunha, Lázaro Cunha, Sérgio Correia e George Oliveira pela irmandade e militância.

Ao Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia, pelo acolhimento e pelo fortalecimento da minha trajetória enquanto educadora.

Às estudantes escrevientes que tanto me inspiraram pela potência de suas vozes, escritas e existências.

Aos meus bolsistas do programa de Iniciação à docência (PIBID) dos grupos LerversificarPibid e Educartpibid, por ressignificar a minha prática pedagógica e por todas as trocas afetivas e inspiradoras.

Em memória da minha avó Rita de Cássia Vilas Boas de Oliveira, do meu avô Faustino Jorge de Oliveira, da minha tia Ledes Vilas Boas de Oliveira, do meu pai Rosalvo Silva e da minha querida mãe Maria da Conceição Vilas Boas e do companheiro José Francisco Nascimento Santos, ancestrais e presenças eternas que seguem vivos em mim, orientando meus passos e minhas escolhas.

Enfim, ao Movimento Negro e de mulheres negras por ter me alcançado e se manter em luta por uma sociedade mais justa.

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a refletir sobre as práticas de leitura e escrita - de histórias de vida de jovens negras estudantes do Ensino Médio e seus entrelaçamentos com o processo de escrevivências afro femininas como empoderamento socioeducacional. Inspirada pela noção de Escrevivência cunhada pela escritora Conceição Evaristo (1996), a investigação tem como objetivo principal compreender como as escrevivências de jovens negras podem contribuir para os seus processos de autoafirmação e empoderamento. As jovens são oriundas do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia (CEEBC) integrantes do Projeto Escolar Escrevivências Afro-Baianas. A questão investigativa se delineia em: como as escrevivências de jovens negras do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia (CEEBC) podem contribuir para os seus processos de autoafirmação e empoderamento? O estudo também se propõe a inventariar o caminho realizado pelo Projeto, e de que forma estudantes negras percebem e expressam suas identidades raciais através de escritas poéticas. No que diz respeito à escrita literária de mulher negra, apoia-se em: Evaristo (2005, 2007, 2016, 2017, 2020); Felisberto (2020); Sousa (2020); Kilomba (2019); Lima (2020); hooks (2000, 2013, 2019), dentre outras. A metodologia qualitativa da pesquisa empírica utilizou o dispositivo das Escrevivências, como aporte teórico-metodológico, que traz a escrita afro feminina de um grupo de quatro jovens negras, considerando trajetórias existenciais de leitura e de escrita, produções e seus percursos educacionais. Por meio da análise dos textos produzidos, buscamos compreender como as escrevivências poéticas reverberam nos processos de autoafirmação e empoderamento das jovens negras que participam do projeto. Outrossim, as análises serão respaldadas em epistemologias feministas negras (Collins, 2019) e para a análise do corpus elegeu-se a crítica feminista negra (Christian, 2002). Conclui, reafirmando a escrita e a literatura como lugar de luta, memória, identidade e resistência, a escola pública e a juventude negra como usina e potência.

Palavras-chave: escrevivência; jovens negros – Salvador (BA); Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia – estudo de casos; Projeto Escolar Escrevivências Afro-Baianas.

ABSTRACT

This study critically examines the reading and writing practices of young Black high school students, focusing on the interplay between these practices and the articulation of Afro feminine experiences as a means of socio-educational empowerment. Drawing on the concept of "Escrevivência," articulated by writer Conceição Evaristo in 1996, the primary objective of this research is to explore how the *escrevivências* of young Black women serve as a catalyst for self-affirmation and empowerment. The participants are students from the Edvaldo Brandão Correia State College (CEEBC) and are involved in the Afro-Bahian Writing Experiences School Project. The central research question of this study is: How can the writings of young Black women from the Edvaldo Brandão Correia State College (CEEBC) contribute to their processes of self-affirmation and empowerment? This study also seeks to document the journey undertaken by the Project and to examine how Black students perceive and articulate their racial identities through poetic writing. In analyzing the literary contributions of Black women, this research draws from the works of notable scholars such as Evaristo (2005, 2007, 2016, 2017, 2020), Felisberto (2020), Sousa (2020), Quilomba (2019), Lima (2020), and hooks (2000, 2013, 2019). The qualitative methodology employed in this empirical research leverages the "Escrevivência" framework as a theoretical and methodological approach. This study focuses on the Afro feminine literary outputs of a cohort of four young Black women, appreciating the intersection of their reading and writing trajectories, creative productions, and educational experiences. Through the examination of the texts generated by these participants, we aim to elucidate the ways in which poetic writing-experiences contribute to the processes of self-affirmation and empowerment among these young Black women. The analytical framework will be grounded in Black feminist epistemologies, as articulated by Collins (2019), and the analysis of the corpus will utilize Black feminist criticism, referencing the work of Christian (2002). In conclusion, she reaffirms writing and literature as a place of struggle, memory, identity, and resistance, and the public school and Black youth as a powerhouse and source of strength.

Keywords: *escrevivência*; black youth – Salvador (Bahia); Edvaldo Brandão Correia State School – case study; Afro-Bahian *Escrevivências* School Project.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Premiação do concurso Versos de Identidade	35
Figura 2	Premiações do concurso Lélia Gonzalez 2023, 2024 e 2025	36
Figura 3	Premiações do concurso Lélia Gonzalez 2023, 2024 e 2025	36
Figura 4	Premiações do concurso Lélia Gonzalez 2023, 2024 e 2025	37
Figura 5	Área de convivência do CEEBC	52
Figura 6	Card de divulgação do Sarau Virtual em 12 de junho de 2021	53
Figura 7	Card de divulgação do minicurso Englishversificar	53
Figura 8	Projeto Expressão Edvaldense	54
Figura 9	Capa do livro Escrevivências Afro-Baianas - volume 1	55
Figuras 10 e 11	Roda de leitura do livro Olhos d'água	55
Figuras 12 e 13	Encontro com a autora Carla Brito	56
Figuras 14 e 15	Oficina de Encadernação	56
Figuras 16 e 17	Visita à exposição O Universo da Mobgrafia	57
Figura 18	Ida ao cinema Glauber Rocha	57
Figuras 19 e 20	Flipelô 2022	58
Figuras 21 e 22	Flipelô 2023	58
Figura 23	Flipelô 2024	59
Figura 24	Capa do Fanzine 2023	60
Figura 25	Capa do e-book Elas escrevem 2023	60
Figura 26	Encontro com Conceição Evaristo em Salvador, Bahia julho de 2024	93

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCN	Cidadania e Consciência Negra
CEEBC	Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia
FLICAJ	Feira Literária de Cajazeiras
FLIN	Feira Literária Internacional
FLIPELÔ	Feira Literária Internacional do Pelourinho
IBAJUS	Instituto Baiano de Justiça Social
MNU	Movimento Negro Unificado
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
UCSAL	Universidade Católica do Salvador
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	ESCREVIVÊNCIAS DA PESQUISADORA: (RE)SIGNIFICANDO MEMÓRIAS	18
2.1	AQUILOMBAMENTOS QUE ABRIRAM OS CAMINHOS DA MINHA PRÁTICA DOCENTE	26
3	ESCREVIVÊNCIA: DA GÊNESE DE UM CONCEITO QUE SE AMPLIA	39
3.1	A ESCRITA AFRO FEMININA QUE EMPODERA	45
4	UMA METODOLOGIA ESCRIVIVENTE	48
4.1	A GÊNESE DA PESQUISA: O CONTEXTO E O PROJETO	51
4.1.1	A colheita dos dados e as jovens escrevientes	61
4.1.2	Conhecendo as jovens escrevientes	62
5	ANALISANDO AS ESCRIVIVÊNCIAS POÉTICAS DE JOVENS NEGRAS	63
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
	REFERÊNCIAS	94

1 INTRODUÇÃO

[...] quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um corpo mulher-negra em vivência (Evaristo, 2018, p. 18).

A escrita literária de mulheres negras se constitui em uma prática de afirmação identitária, de elevação da autoestima, que desvela subjetividades, tensões que, por vezes, reverberam marcas históricas e culturais, além de autopercepções e posicionamentos críticos, aspectos que não se desvencilham da (s) história (s) de um corpo mulher-negra em vivência, que se constrói e reconstrói, que se empodera, que afeta e é afetado por tantas outras histórias que se entrelaçam por meio da escrevivência. Uma escrita que possibilita a criação de uma nova linguagem, que é tecida na contramão dos ditames de dominação, também como “[...] um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança” (Evaristo, 2005, p. 202).

A escrevivência, termo cunhado pela escritora brasileira Conceição Evaristo, “[...] surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade” (Evaristo, 2020, p. 38). Para a escritora, a escrevivência como uma escrita feminina, pobre e negra – pelo menos inicialmente – reivindica essa voz, historicamente silenciada, e constrói uma nova lógica de produção de conhecimento, que valoriza memórias, saberes circulares e ancestralidade negra. O que nos leva a pensar em um movimento ancestral que faz emergir na memória um silenciamento imposto sobre as nossas vozes, o sofrimento provocado pelas várias tentativas de apagamento histórico e experiências muito específicas, nos mais diferentes momentos da história da humanidade, sobretudo os processos ligados à escravidão, ainda que saibamos que a história do povo negro não começa, nem se encerra nesse episódio.

Neste sentido, a escrevivência alicerça o presente estudo e nos conduz à escrita de jovens negras por meio da poesia, em um movimento que pode levar a catarses ou até mesmo à cura de feridas abertas no âmbito emocional, presente de forma latente nas experiências de adolescentes negras, provocadas, cotidianamente, pelo racismo, machismo e LGBTfobia. Um percurso que traceja linhas e versos, carregados de sentidos atribuídos à leitura, à escrita e à escuta como ferramentas de resistência. Além de destacar os desafios e as potências que emergem da construção coletiva de um fazer pedagógico comprometido com a transformação social, o empoderamento de jovens negras, bem como, com a efetivação da educação das

relações étnico-raciais. Estimulada e promovida pelas legislações: Lei 10.639/03, ampliada pela Lei 11.645/08, que tornam obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena, respectivamente, e altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) - Lei 9.394/96. Nesta perspectiva e como professora negra, com formação em Letras/Língua Portuguesa com Inglês, e na condição de uma das idealizadoras e fundadoras do projeto, venho acompanhando o processo de algumas estudantes, frente às práticas pedagógicas desenvolvidas no Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia-Tempo Integral (CEEBC). Instituição na qual atuo desde o ano 2000 como docente da área de linguagens.

É importante ressaltar, nas páginas desta dissertação, que em alguns momentos possa parecer, não se trata da escrita de memórias de formação, tão somente de uma educadora negra. Ainda que haja ênfase na minha trajetória pessoal e profissional, proponente do projeto e autora desta pesquisa, tratando-se de uma mulher e negra, essa escrita agrega, de maneira compulsória e irremediável, uma coletividade, não podendo ser concebida, nunca, como esgotada em mim.

A presença da literatura negra nos espaços escolares tem se mostrado um campo fértil para o desenvolvimento de práticas pedagógicas emancipadoras, capazes de promover o reconhecimento e a valorização das identidades negras, historicamente silenciadas no currículo eurocêntrico. No contexto das lutas por uma educação mais inclusiva e representativa, os projetos desenvolvidos ao longo dos anos e de forma ininterrupta no Colégio Estadual Edvaldo Brandão, *lócus* desta investigação, buscaram não apenas elevar a autoestima das/dos educandas/os, mas aproximá-las(os) de suas heranças africanas, das vozes, obras e vivências de autores e autoras negras afirmando, assim, um compromisso com uma educação para as relações étnico-raciais.

Para Conceição Evaristo, a escrevivência é um ato de escrita das experiências das mulheres negras, da construção das nossas próprias narrativas e da amplificação das vozes secularmente silenciadas que têm sido trazidas por diversas autoras, como nos alerta Fátima Lima (2022) na carta *Escrevivência e a fabulação crítica do (im)possível*¹ direcionada a Conceição Evaristo: “Não é sobre escrever vivências. É sobre uma forma de estar em mundos que não pode ser medida apenas pelo individual, mas onde o singular é, antes de tudo, a possibilidade que arrasta vidas no em comum”. Essa premissa pode ser confirmada, pela aposta na escrita literária das participantes do projeto do CEEBC. Quando inspiradas, mas não limitadas às suas vivências e experiências, elaboram predominantemente poemas e textos curtos

¹ Live da Mesa Inaugural da catedrática Conceição Evaristo com o tema Escrevivência: Sujeitos, Lugares e Modos de Enunciação - Corpus Literário em Diferença. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=n5_akbk1IsM. Acesso em: 23 ago. 2025.

em prosa, sobre tais circunstâncias, ficcionalizando, dessa forma, histórias e memórias que não precisam, necessariamente, ter sido vividas por elas, mas, ouvidas, testemunhadas e acessadas de diferentes formas.

O inegociável, nesse contexto, é a presença de um corpo de mulher negra que traz a herança das suas/nossas ancestrais, é terem vivido/experimentado uma condição muito específica, a de escravização. “E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também, [...] como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado” (Evaristo, 2020, p. 30). E se apresenta de forma potente em cada linha escrita pelas jovens negras, participantes do projeto denominado doravante, afetuosamente de *Escrevivências*.

Destarte, é no âmbito do *Projeto Escrevivências Afro-Baianas: tessituras negras do CEEBC*, a partir da promoção de rodas de conversa, rodas de leituras, acesso a bens e equipamentos culturais, feiras literárias e produções textuais, que surgiu uma inquietação que posteriormente se desdobra e passa a se configurar como questão desta pesquisa: como as *escrevivências* de jovens negras do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia podem contribuir para os seus processos de autoafirmação e empoderamento?

A partir desta questão central, proponho como objetivo geral: investigar como as *escrevivências* de jovens negras do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia podem contribuir para os seus processos de autoafirmação e empoderamento. Como objetivos específicos pretendemos: a) inventariar o caminho realizado pelo projeto *Escrevivências Afro-Baianas* desenvolvido no CEEBC; b) verificar como as estudantes negras percebem e expressam sua identidade racial através das *escrevivências* poéticas, elaboradas no projeto; c) analisar as *Escrevivências Poéticas*, produzidas por estudantes jovens negras, e como estas reverberam nos seus processos de autoafirmação e empoderamento.

A pesquisa trilha o caminho da abordagem qualitativa, com o aporte epistêmico e metodológico das *Escrevivências*, como possibilidade de produção de conhecimento, e forma de realizar uma investigação de ordem científica, a partir da autoria de intelectuais negras. Assim, por meio das escritas poéticas de jovens estudantes negras e seus percursos educacionais, são problematizados diferentes elementos, sentidos e significados, de um eu-coletivo, de um “[...] corpo-território como protagonista que aprende a criticar a objetificação imposta pelo sistema” (Miranda, 2020, p. 51). Corpos que reverberam histórias, memórias, afirmação da autoestima e empoderamento, aqui entendido a partir de Joice Berth (2020). Para a teórica, o empoderamento não diz respeito à concessão individual de poder, mas a um processo de articulação e fortalecimento de grupos sociais historicamente marginalizados. Esse

processo envolve diversas dimensões como autoafirmação e autoconhecimento, ademais da compreensão crítica da própria condição social, política e histórica. Ela enfatiza a importância da valorização das heranças culturais, estéticas e ancestrais como elementos chave para a construção de uma consciência crítica capaz de gerar ações transformadoras no meio social e em benefício da coletividade. Conforme afirma a autora:

Quando assumimos que estamos dando poder, em verdade, estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas habilidades humanas, de sua história, principalmente, um entendimento sobre a sua condição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor (Berth, 2023, p. 21).

A intenção de mapear as práticas de escrevivências das estudantes negras na referida instituição, advém do desejo de buscar compreender de que forma essas produções articulam experiências pessoais (que agregarão, sempre e inevitavelmente, uma coletividade, conforme já salientado), identidade racial e resistência, contribuindo para a valorização da autoria feminina negra e jovem no espaço escolar. Neste contexto, selecionamos textos poéticos de quatro jovens negras, estudantes das três séries do Novo Ensino Médio², também do primeiro ano do Curso Técnico Integrado em Administração que se destacaram de maneira proeminente no Projeto Escrevivências Afro-Baianas (ainda em curso) evidenciando engajamento ao longo das atividades desenvolvidas e que tiveram seus textos publicados no livro *Escrevivências Afro-Baianas*, com o primeiro volume publicado em 2023.

É de bom tom mencionar, ainda aqui, que a inscrição do projeto foi aberta para todos os estudantes sem distinção. Os garotos também fizeram inscrição e participaram de todo o processo. Porém com mais timidez em relação às garotas e com uma escrita de abordagem distinta. Para melhor explicar posso citar a escrita do estudante Victor Cunha que escreveu sobre a violência policial e o amor. Reforço que a escolha pela escrita feminina foi por ter aparecido com muita força e constância, e pelo fato de os escritos atravessarem a história da pesquisadora e a necessidade de mostrar a importância de realizar projetos que incentivem e debatam sobre o protagonismo feminino, além do óbvio que era a seleção a partir das produções que melhor se adequassem aos objetivos desta investigação.

² Altera as Leis n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei n.º 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei n.º 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral.

No que diz respeito à organização do texto dissertativo, organizamos as seguintes seções: na primeira, denominada de *Introdução*, apresento um panorama da pesquisa, problematizando o conceito de escrevivência, como alicerce teórico-metodológico, compartilho a questão investigativa, os objetivos gerais e específicos, e comento brevemente sobre a metodologia.

Na segunda seção, *Escrevivências da Pesquisadora: (Re)significando Memórias*, desvelo a minha trajetória pessoal – profissional, socializo minhas experiências no campo da educação, especialmente como docente de escola pública, espaço no qual o projeto em análise é delineado e executado. Partilho os achados e descobertas encontrados durante a jornada, o “caminho das pedras”, os obstáculos, as vitórias, os ganhos, e os equívocos, ajustes de rotas, dentre outros pontos. Ao mesmo tempo, apresento e teorizo sobre a experiência vivida com as estudantes, fazendo um balanço dos investimentos pedagógicos que sempre acabam refletindo na dimensão pessoal. Enfim, ao realizar o movimento de *sankofa*³, olhar para trás para aprender com o vivido, de forma irrevogável, analiso e avalio a minha prática como educadora negra, ao longo de vinte e cinco anos de docência.

Escrevivência: da gênese de um conceito que se amplia, constitui a terceira seção, na qual exploro a gênese do conceito, cunhado pela escritora Conceição Evaristo, apresento considerações reflexões sobre suas obras, bem como outras autoras que se dedicam aos estudos acerca do tema. Trago também, a percepção da escrita negra feminina, como instrumento de empoderamento, a partir de outras intelectuais negras. Na quarta seção intitulada *A metodologia Escrevivente*, apresento a metodologia, baseada e respaldada em uma epistemologia negra e feminista de Collins (2019), discorro sobre o contexto e o projeto *Escrevivências Afro-Baianas*, apresentando as jovens negras, poetisas participantes do estudo.

A quinta seção *Escrevivências Poéticas de Jovens Negras* se dedica à análise dos textos poéticos escritos pelas jovens negras participantes do livro *Escrevivências Afro-Baianas*, resultante do projeto homônimo, na busca de compreender de que forma essa escrita contribui no processo de empoderamento e autoafirmação de suas autoras, estudantes do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia. Para as análises dos poemas, faço uso da crítica feminista negra. Por fim, nas *Considerações Finais*, apresento de maneira geral, a síntese da investigação, com destaque para os resultados.

A construção deste trabalho, para além da intenção de deixar um legado para a

³ Sankofa integra um conjunto de ideogramas chamados adinkra, da cultura Ashanti, do povo Akan, em Gana. Representado por um pássaro que volta a cabeça à cauda. O símbolo é traduzido por: “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”.

comunidade escolar, registra e teoriza sobre uma prática pedagógica inovadora e exitosa, promovendo para a pesquisadora e autora deste estudo, um balanço de cunho pessoal e profissional de sua prática pedagógica. Passadas duas décadas e meia de atuação como educadora e sendo uma das responsáveis pelo Projeto Escrevivências Afro-Baianas, deixo registrado para as gerações vindouras, tanto de educadoras/es quanto para as irmãs⁴ mais novas, as meninas mulheres negras que também compõem o espaço escolar, uma experiência repleta de êxito em educação das relações étnico-raciais, respaldando-me, para esse fim, na Lei 10.639/03, incluindo conteúdos que valorizam a contribuição da população negra na formação da sociedade brasileira, sugerindo e compartilhando possibilidades, sobretudo explicitando a potência da escrita literária de jovens mulheres negras estudantes, em processo de construção identitária.

⁴ Faço uso aqui da noção que denominará de *sistah* (Kilomba, 2019) e entendida como: ideia de uma família imaginária que nos leva de volta ao conceito de trauma e fragmentação coletiva. “A terminologia de “irmã” e “irmão” recria um senso de unidade, ilustrando o continente africano como uma família mutilada e as/os suas/seus descendentes, que como consequência, inevitavelmente reconhecem umas/uns às/aos “outras/os” como parentes, toda vez que se encontram”.

2 ESCRIVIVÊNCIAS DA PESQUISADORA: (RE)SIGNIFICANDO MEMÓRIAS

*O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos
 A memória bravia lança o leme:
 Recordar é preciso.
 O movimento vaivém nas águas-lembranças
 dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
 salgando-me o rosto e o gosto.
 Sou eternamente naufraga,
 mas os fundos oceanos não me amedrontam
 e nem me imobilizam.
 Uma paixão profunda é a boia que me emerge.
 Sei que o mistério subsiste além das águas (Evaristo, 2017, p. 11).*

A epígrafe extraída do poema de Conceição Evaristo “Recordar é preciso”, presente no livro *Da recordação e outros movimentos* (Evaristo, 2017) proporciona a busca na minha memória, de um tempo com balanços marítimos, mas com o leme do barco se mantendo firme, evidenciando, assim, uma história de resistência e esperança, o que justifica a minha escolha pela escrita desta seção escreviente.

As escritas poéticas de jovens negras, neste estudo, me convidam a revisitar a minha trajetória, impregnada pelas memórias da minha própria história, com seus desafios e conquistas. Um exercício que fortalece e legitima as vozes das jovens que me proponho a analisar através dos textos publicados por elas no livro *Escrevivências afro-baianas* (2023).

Nesta perspectiva, essa travessia além da experiência individual é também um aquilombamento de ideias, sentimentos e vivências trazidas por nossas ancestrais. A autora assevera que não se trata de uma escrita narcísica, limitada à história. Diz ela:

[...] de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. A Escrevivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá [...] (Evaristo, 2020, p. 38).

Notamos, dessa forma, que se trata de um espelho que reflete a construção da identidade e da dignidade negra, sua ancestralidade acolhida, reproduzida por uma escrita que sempre agregará uma coletividade.

Entre memórias e afetos, diferentes vozes se encontram no texto para compor uma tessitura cerzida no entrecruzamento com trechos literários de outras autoras negras, fazendo destes, matéria-prima e inspiração para esta escrita. “A memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais que eu, e ela não perde o que merece ser salvo” (Galeano, 2011,

p. 10), e nesse sentido, peço licença às minhas ancestrais para me apresentar e compartilhar as minhas escrevivências.

Sou Jucy Silva, a segunda filha de Maria da Conceição Vilas Boas de Oliveira, uma dona de casa, e de Rosalvo Silva, um motorista de táxi autônomo. Nasci em Salvador, no dia 29 de maio de 1967. A lembrança de um amanhecer chuvoso e águas aos pés da minha mãe segurando-me em seus braços (história essa contada inúmeras vezes por ela), é guardada na memória afetiva e no coração. Anos depois descobri que a minha estação é o outono, época na qual a chuva cai suavemente sobre a terra preparando-a para o sustento de uma nova vida.

A casa onde meus pais moravam, ao lado da casa de meu avô, ficou alagada, e, segundo minha mãe, tiveram que abandoná-la logo após a minha chegada ao mundo, assim que meu cordão umbilical foi cortado. Talvez por isso, sempre associei meu nascimento ao inverno.

Meu parto foi realizado em casa, por uma parteira, fato este muito comum na época, uma vez que existia a carência de maternidade para acolher as mães parturientes. A influência da cultura, da tradição e do saber ancestral de uma mãe preta, reporta a época da escravidão, quando era forçada a cuidar dos/as filhos/as das sinhás na Casa Grande, muitas vezes em detrimento do cuidado com seus próprios/as filhos/as. No meu caso, essa mãe preta era Dona Izabel, parteira, assumindo a figura de uma mãe preta não mais como uma imposição, mas com um gesto de irmandade, uma relação de solidariedade e ajuda mútua, agora voltada para o cuidado e a continuidade do ciclo vital dentro da comunidade, ressignificando as experiências das mulheres negras e deslocando para um lugar de protagonismo das nossas próprias histórias.

Assim, sob os cuidados da minha Mãe Preta, do auxílio da minha avó e de todas as mulheres da família, eu cheguei ao mundo. Dona Izabel Lima era, também, uma sábia rezadeira, conhecida por sua habilidade em realizar partos e acompanhar o crescimento das crianças. Ela tinha o poder de trazer segurança e conforto durante o nascimento, sobretudo para a parturiente, como nos faz lembrar Conceição Evaristo (2015) no conto “*Ayowula*, a alegria do nosso povo”, na obra *Olhos D’água*: “Omolara, aquela que tinha o dom de fazer vir as pessoas ao mundo, a conhecedora de todo ritual do nascimento, acolheu a criança de Bamidele” (Evaristo, 2005, p. 38). Dona Izabel representava essa figura ancestral e espiritual, guiando novas vidas ao mundo com conhecimento profundo e os seus cuidados perpassavam nossas infâncias. Cada criança vinda ao mundo pelas suas mãos, se tornava parte da família dela; e desta forma, eu ganhei mais irmãos e tias e um tio, um pouco mais velho do que eu, que se intitulou meu irmão e fez isso até a sua morte. Sendo assim, fui privilegiada ao conviver com minha família biológica e a família da matriarca D. Izabel, minha família alargada, tão aos moldes dos povos do continente africano, de onde foram arrancados os meus ancestrais.

A casa de meus avós, onde passamos a morar junto com mais duas tias e primos, estava sempre cheia de pessoas, mas, com o tempo, foi ficando vazia após a passagem do meu avô, Faustino Jorge de Oliveira, conhecido, carinhosamente, como Sr. Tinô. Um homem negro, retinto, pedreiro e logo depois do falecimento da minha avó, Dona Rita, que era uma excelente cozinheira, artesã de renda de bilro e reaproveitamento de retalhos; uma tradição de mulheres negras na diáspora.

Foi com minha avó que aprendi a solidariedade de uma mulher negra, uma qualidade que ela trouxe de sua terra natal, Valença, cidade localizada no recôncavo, região do baixo sul baiano. De maneira afetuosa, minha avó conseguiu transmitir às minhas tias muito do seu legado culinário e de artesã. Além dos quitutes, com destaque para os doces em calda, também fazia lindos tapetes de retalhos, uma prática de amor e de celebração a nossas antepassadas. É bell hooks⁵ (2019, p. 233) que nos lembra esses ensinamentos ao citar: “Para Baba, o tecer colchas de retalhos era um processo espiritual que se ensinava como se doar”.

Dona Ritinha abria a sua casa e o coração para quem precisasse. Criava e doava muitos animais e sempre tinha uma reza, um chá e uma escuta atenta para a pequena comunidade do Buraco da Gia, como era curiosamente chamada a localidade, pelos moradores mais antigos, por conta do número elevado de sapos e gias que habitavam o local. Uma área de brejo, lugar este que meu avô conseguiu comprar para abrigar toda a família Vilas Boas de Oliveira.

Com minha mãe e tias, aprendi a força da fé e da devoção, especialmente a Santo Antônio, São Lázaro e Santa Bárbara. Elas frequentavam casas de umbanda e visitavam terreiros de Candomblé, além de me levarem para participar das Festas de Largo. Uma das principais era a Lavagem do Bonfim, uma das mais tradicionais festas populares da Bahia, ocorre anualmente em Salvador e possui relevante importância para a comunidade negra. Originalmente vinculada à Igreja Católica e ao culto ao Senhor do Bonfim, essa celebração também reflete a forte presença das tradições afro-brasileiras, especialmente através do sincretismo religioso que justifica a fé na umbanda, mistura a ancestralidade africana com o catolicismo, algo muito presente na minha vida e na minha profissão e que foi herdado delas.

Minha infância foi repleta de alegrias e brincadeiras, apesar de algumas limitações por se tratar de uma família grande e com poucos recursos. O incentivo ao estudo era uma constante e minha mãe fazia questão de nos acordar cedo, sempre lembrando que “a morte estava parida”

⁵ Para maiores detalhes ver o ensaio de bell hooks (2019) – Heranças estéticas: uma estética feita à mão, parte constituinte da obra: Anseios: raça, gênero e políticas culturais. A grafia do nome da autora em minúsculo justifica-se pelo desejo da teórica em não tornar o seu nome mais importante do que o legado produzido por ela, conforme informações fornecidas pela própria autora, além de ser um tributo a querida avó.

e que “era preciso cuidar da vida sem deixar o tempo passar”. Esses ditados populares, muito comuns nas comunidades negras, expressam sabedoria coletiva/popular transmitida através de gerações, geralmente de forma oral, e transmitem ensinamentos sobre a vida, a resistência e a ancestralidade. Era algo muito comum ouvir os ditados vindos, também, das minhas tias e das mulheres mais velhas da nossa rua, sempre cheia de crianças, sob os olhares dos vizinhos que se revezavam nos cuidados dos filhos uns dos outros.

À medida que íamos crescendo e nos tornamos adolescentes, esse vínculo permaneceu e éramos conhecidos como "família extensa". Já naquele período, eu observava uma hierarquia entre nós: a estrutura social da comunidade atribuía uma autoridade e prestígio aos mais velhos de modo que suas palavras eram ouvidas com reverência pelas crianças, especialmente pelas grandes matriarcas da comunidade, como Dona Izabel, a parteira; Dona Menininha, a Mãe de Santo da casa de Umbanda e Dona Bebê, a Iyalorixá do Terreiro. Para Alves e Santos Filho (2017, p. 55) “[...] as palavras proferidas pelos mais velhos têm importância e veracidade inquestionável para os seus. [...] de forma a cultivar-lhe o conteúdo transmitido e guardá-lo como tesouro, mas um tesouro aberto a ser compartilhado, uma herança transmitida entre as gerações”. Esses ensinamentos e a maneira de cuidar do próximo continuam a ressoar em todos os aspectos da minha vida. Valores como acolhimento, presença e a inclusão daqueles que nos cercam, são legados que carrego comigo, representando uma herança ancestral de valor inestimável.

É importante destacar que o ‘ódio religioso’, tão presente nos últimos anos na sociedade, em decorrência do racismo religioso, não fez parte da minha infância. Um período em que as pessoas respeitavam todas as crenças, e nós, crianças e adolescentes, tínhamos a liberdade de participar de diversas celebrações do calendário festivo, tanto do terreiro quanto da casa de umbanda. Vivências que me trazem reminiscências das aprendizagens que absorvi ao longo do caminho, de forma natural e significativa, por meio da observação dos diversos modos de se viver, das inúmeras perguntas e tentativas de compreender e colocar em prática, os ensinamentos transmitidos pelos (as) mais velhos (as).

Cabe salientar que desde cedo compreendi a importância de ter meus próprios pertences, uma vez que éramos três irmãos, uma irmã e dois primos que enfrentavam dificuldades de ordem financeira. Para além de contribuir com as tarefas domésticas, busquei maneiras de ganhar pequenos trocados, a fim de conquistar prazeres simples e atender às minhas necessidades individuais. Essa experiência é comum a muitas mulheres negras de origem humilde e é bem retratada no ensaio de Conceição Evaristo (2020) sobre suas memórias de leitura e escrita, conforme trecho abaixo:

E à medida que eu crescia e os meus conhecimentos também, alguns desses eventos passaram a ser registrados por mim, como também passou a ser de minha responsabilidade cuidar de meus irmãos menores na escola, acompanhar seus deveres, ir às reuniões escolares e transmitir os resultados para mim mãe. De meus irmãos passei a acompanhar os deveres das crianças menores vizinhas. No pequeno quintal de nossa casa, debaixo das árvores, improvisei uma sala de aula. Das moedas, que me eram dadas pelas mães gratas pelo desenvolvimento de seus filhos na escola, surgiam meu *primeiro salariozinho*. Riqueza que me permitia comprar ora o pão diário, ora açúcar, ora o leite do irmãozinho menor, ora um caderno para mim, e às vezes algum livrinho, (revistinhas infantis, gibis, que não sei porque eu considerava como sendo livro) ou ainda obter uma alegria maior: doces, doces, doces [...] (Evaristo, 2020, p. 53 – grifo da autora).

O "primeiro salário" obtido por meio das moedas dadas pelas mães das crianças revela a conexão entre o trabalho informal, redes de apoio e a contribuição econômica que essas mulheres proporcionam ao sustento familiar. A forma como essa pequena renda era utilizada para comprar alimentos essenciais ou materiais escolares, evidencia a luta constante por recursos básicos, enquanto a compra de revistinhas e gibis, que ela considerava "livros", simboliza o desejo por conhecimento, mesmo em condições de vulnerabilidade.

Essa passagem reflete a luta das mulheres negras no Brasil, que desde cedo enfrentam desigualdades estruturais, mas também não perdem de vista a solidariedade com a sua comunidade. Comprar coisas para si mesmas ou ter um “salariozinho” reflete a preocupação em ajudar, de alguma forma, a diminuir as despesas da família. Esse movimento de quebrar barreiras econômicas é também o começo de uma independência financeira que além do valor econômico está relacionado com a elevação da autoestima e uma aposta nos estudos como forma de transformação da realidade e segurança para o futuro.

Minha trajetória educacional teve início em uma escola municipal localizada em um bairro do Rio Vermelho, próximo da minha residência. No entanto, fui convidada a me retirar da instituição aos seis anos de idade, logo após retornar de um período de afastamento devido a um episódio de catapora. Apesar de estar curada, ainda apresentava algumas marcas da doença, o que motivou a escola a solicitar minha saída. Para que eu não perdesse o ano letivo, meu pai me matriculou em uma escola particular, onde estudei até a segunda série.

Na época minha mãe ficou indignada e repetia que isso aconteceu por eu ser pobre e não ser branca, ela tinha consciência da diferença racial, mas não falava explicitamente sobre racismo. Dona Pretinha, minha saudosa mãe, já havia relatado os maus tratos no exercício de seu trabalho como passadeira de roupas na casa de famílias brancas, e o Sr. Rosalvo, meu pai, contava para minha mãe os casos de discriminação sofridos, ao transitar como motorista autônomo pela cidade do Salvador/BA. Anos mais tarde, ao refletir sobre questões raciais, compreendi que, desde cedo, o racismo já se manifestava na minha vida e na vida da minha

família, com agressões diárias. Situação bem retratada sobre episódios cotidianos de racismo trazidos por Grada Kilomba (2019) na obra *Memórias da Plantação*.

O racismo cotidiano refere-se a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o sujeito negro e as Pessoas de Cor não só como “Outra/o” – a diferença contra a qual o sujeito branco é medido – mas também como Outridade, isto é, como a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca (Kilomba, 2019, p. 78).

O racismo é forjado por uma violência estrutural, oriunda de um processo colonial de dominação e exploração e se manifesta sob diferentes formas e nuances que oprimem e marcam profundamente nossos processos de construção identitária e podem gerar sentimentos de não pertencimento e inferiorização, para toda a vida. Na escola, a ideologia de inferioridade do negro é presentificada por meio de falas, imagens, currículo, material didático e estereótipos que incidem direta ou indiretamente na identidade das (os) estudantes.

A transferência para o Colégio Antônio Carlos Magalhães em 1978 me possibilitou, posteriormente, concluir o Ensino Fundamental. Recordo das aulas de "Educação para o Lar", ministradas apenas para as meninas, uma vez que os estudantes do sexo masculino recebiam formação voltada para técnicas comerciais e industriais. Desta forma, éramos instruídas em atividades como bordado, culinária, crochê, artesanato com vidro e corte e costura. Esta configuração demarcava as questões de gênero e de estereótipos, ao reforçar a noção de que as responsabilidades domésticas eram inerentes às meninas, enquanto os meninos eram incentivados a se envolverem em atividades de caráter mais técnico, sendo preparados para uma inserção mais direta no mercado de trabalho.

Eu participava ativamente das aulas, especialmente pela aplicabilidade, a exemplo das aulas de culinária, onde aprendíamos a elaborar doces e sobremesas e a compartilhar com a turma, as receitas que em alguns momentos eram trazidas por cada estudante. A receita do doce de umbu que minha avó preparava, foi a escolhida por mim. O doce se assemelhava a uma geleia e tinha um sabor todo especial, sobretudo pelo valor afetivo e pelo saber específico, transmitido através de gerações da família Vilas Boas de Oliveira. Mulheres negras como a minha avó, minha mãe e eu, impregnadas desse *know-how*, muitas vezes sofisticados, aprimorados através das gerações. Além da receita, minha avó fazia questão de mandar a geleia em potinhos para cada estudante da turma, que de maneira radiante, expressava alegria e euforia neste momento de compartilhamento e afeto.

É mais uma vez no ensaio poético de Conceição Evaristo, denominado “Da grafia desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita” que acessamos o “lava, esfrega, torce”, dentre outros por lá compartilhados, as dicas para que as roupas pudessem ser entregues no tempo estipulado para a devolução, seguida do constrangimento da conferência através do rol de roupas.

As experiências vividas no âmbito familiar e nas aulas de Educação para o Lar, me ensinaram sobre o poder das mãos, e como por meio delas, é possível promover transformações significativas. Um simples bordado de crochê poderia conferir sofisticação e beleza a uma toalha de prato comum. Tal processo, realizado com um rolo de linha, uma agulha e, naturalmente, as mãos, entrelaçam os fios, proporcionando não apenas tranquilidade, mas também uma oportunidade para reflexão e alinhamento dos pensamentos. Práticas que se revelaram como formas de empoderamento, de resistência e autoestima, embora eu só tenha estabelecido conexões, muito tempo depois, ao entender que era uma lógica educacional machista, que ratificava a subordinação feminina e naturalizava papéis de servidão reforçando desigualdades históricas.

Na esteira dessa reflexão, lembro mais uma vez, Evaristo (2020, p. 34), ao pontuar que “[...] Sempre experimento o campo da busca, o desejo de apreensão, mas nunca qualquer apreensão me deixou à vontade para viver a experiência do domínio. Por isso, uma escolha diversa”. Nesse sentido, extrapolei os objetivos estabelecidos pelo componente curricular, direcionados para as meninas negras estudantes de escola pública da época, e transformei as experiências também em um autocuidado e proteção na vida diária. No início das aulas as ações pareciam não fazer muito sentido, mas tinham um relevante significado, revelado em cada gesto, especialmente nas atividades de artesanato, as quais ocuparam um outro lugar, diferente das atividades de culinária. Uma vez que a cozinha já era um lugar marcado, e quase definido para nós. Era uma forma de esperar e florescer o futuro.

A arte de cultivar e valorizar a beleza do cotidiano, muitas vezes se revela nas pequenas ações de mulheres que, com força e dedicação, transformam sua realidade. Alice Walker (2021) na obra *Em busca dos jardins de nossas mães*, destaca a experiência de sua mãe, que encontra na jardinagem não apenas um ato de cuidar, mas também um caminho para expressar sua essência e sua visão de mundo, organizando os seus pensamentos, conforme podemos observar no trecho abaixo:

Percebo que minha mãe fica radiante somente quando cuida das suas flores, quase a ponto de tornar-se invisível – a não ser como criadora: mãos e olhos. Ela se envolve com o trabalho que sua alma precisa fazer. Organizando o universo à imagem de sua

concepção pessoal de beleza. Seu rosto, enquanto elabora a arte que é seu dom, é um legado de respeito que ela deixa para mim, por iluminar e valorizar a vida. Minha mãe transmitiu um legado de respeito pelas possibilidades – e o desejo de agarrá-las. Para ela, tão interrompida e invadida de tantas formas, ser uma artista ainda tem sido uma porção diária da vida. Essa capacidade de persistir, ainda que das maneiras mais simples, é um trabalho que as mulheres negras realizam há muito tempo (Walker, 2021, p. 218).

As palavras de Alice Walker (2020), me conduzem a importância das habilidades adquiridas por mim, as quais se constituíram como um significativo aprendizado prático para o futuro. Desenvolvi competências em bordado em ponto cruz, crochê e na elaboração de diversas receitas de doces. Posteriormente, o crochê se revelou como uma ferramenta valiosa, contribuindo financeiramente para o custeio do meu curso de datilografia, relações humanas e telefonista, após a conclusão do ensino médio. Esse período foi marcado por descobertas e desafios, no qual as habilidades manuais não apenas geraram uma fonte de renda, mas também fomentaram minha autoconfiança, e a crença de que poderia alcançar realizações mais significativas na vida.

Nesse contexto, emerge a lembrança da professora Célia Santos, uma mulher negra que lecionava o componente curricular de Artes no Ensino Fundamental. Suas palavras permanecem gravadas em minha memória, quando nos ensinou que aquelas aulas não eram meramente um fim em si mesmas, mas um meio para a construção de um futuro mais promissor. Sua voz, firme e acolhedora, nos fazia acreditar que éramos capazes de transcender as expectativas historicamente atribuídas a meninas negras, que frequentemente se limitavam a um papel de trabalho doméstico, sem nenhuma autonomia. Recordo-me de que essa foi a primeira vez que uma docente nos incentivou a sonhar além das barreiras impostas pela sociedade, acreditar que poderíamos nos tornar o que desejássemos, inclusive professoras.

Hoje, consigo analisar, com mais nitidez, o quanto o conteúdo trabalhado naquele componente demarcava lugares específicos e tinha objetivos machistas que nos colocavam em desvantagem. No entanto, a professora de artes parecia ter plena consciência disso e, de forma cuidadosa, ressignificava o que tinha sido designado a ser trabalhado. Ela valorizava outra ótica, burlando aquela perversidade com sua condução diferenciada e nos encorajando a ter a convicção de que seria possível reverter a situação adversa.

O discurso politizado e aguerrido da professora Célia Santos, surge nas minhas lembranças, como um fôlego em meio àquela situação opressora. Suas palavras firmes e afetuosas marcaram profundamente as nossas histórias pela determinação que nos incentivava a ir mais longe. Essa experiência foi potencializada ao longo dos anos, à medida que o Movimento Negro se tornou uma força em minha vida. Cada momento da minha prática

docente é orientado pela importância da continuidade dos estudos, do resgate da identidade e da valorização das vivências comunitárias – apesar das inúmeras limitações que enfrentamos dentro e fora da escola.

Em contrapartida, ao cursar o Ensino Médio, nos anos 80, o enfoque era centralizado nas possibilidades de trabalho, sem que o estudo nos fosse apresentado como uma alternativa viável para o futuro. Lembro que por várias vezes, ouvia discursos estereotipados da coordenadora do Serviço de Orientação Educacional, fruto de um plano perverso que a sociedade tem reservado, historicamente, para nós, mulheres negras. Falas que naquele momento, não possuíam um significado relevante para mim, por não me dar conta do preconceito impresso e velado, em suas narrativas. Mas com o tempo, comecei a compreender o verdadeiro propósito daquele componente curricular do Ensino Fundamental (anos finais).

Na minha prática pedagógica, ao longo destes anos, busco orientar as/os estudantes, sobre a importância da conciliação entre trabalho e estudo, ressaltando que apesar da necessidade do emprego, ele não pode comprometer o futuro. Embora os estágios sejam relevantes, muitas vezes eles se configuram como subempregos em empresas do bairro, resultando em mão de obra barata e prejudicando a permanência escolar⁶.

2.1 AQUILOMBAMENTOS QUE ABRIRAM OS CAMINHOS DA MINHA PRÁTICA DOCENTE

A inserção no Movimento Negro me possibilitou o compartilhamento de experiências com homens e mulheres negras; em especial no Instituto Cultural Steve Biko, instituição criada na Bahia, em 1992, pioneira na preparação de pessoas negras para o acesso a Universidade. Experiência que me proporcionou um autoconhecimento profundo e respondeu às inquietações que eu carregava há muito tempo. Ter acesso à história dos nossos/nossas antepassados/as e descobrir o lugar que ocupamos na sociedade contribuiu para minha construção enquanto mulher negra, professora e militante. Cabe salientar que o Movimento Negro Unificado (MNU)⁷, suscitou diversas inquietações em mim, tais como a campanha *Reaja a Violência*

⁶ Enquanto reviso esse texto, notícias surgem sobre estudantes de 16 a 24 anos, contratados na condição de jovens aprendizes, sendo direcionados para funções de Auxiliar de Serviços Gerais (ASG) tais como limpar banheiro, varrer o chão das escolas municipais de Salvador. Disponível em:

<https://www.bnews.com.br/noticias/salvador/jovens-aprendizes-estao-sendo-usados-para-limpar-banheiros-em-escolas-municipais-de-salvador-denuncia-influenciadora.html>. Acesso em: 14 set. 2025.

⁷ Movimento criado em 1978, por jovens militantes no meio de sucessivos ataques racistas na cidade de São Paulo, com o propósito de acabar com o mito da democracia racial e como uma das suas principais bandeiras o acesso à educação de qualidade.

Racial, provocando reflexões e análises sobre as violências que eu tinha vivenciado ao longo da minha vida tais como: invisibilidade, falta de oportunidade, preconceitos e discriminações.

Como professora da educação básica, há 25 anos, vejo o quanto somos submetidas a processos pedagógicos que não atendem às necessidades do povo negro. Projetos mirabolantes que ignoram o empoderamento e fortalecimento de nossas/os estudantes. E por isso, a cada dia, busco transpor barreiras, reagir e construir novas metodologias e práticas pedagógicas que façam sentido e fortaleçam nossas vivências como mulheres negras.

É por entender, cada vez mais, que os conhecimentos adquiridos durante minha infância e adolescência pavimentaram minha trajetória como professora na rede pública de educação, que com um olhar aguçado e cuidadoso, enxergo as/os estudantes do Colégio Estadual Edvaldo Brandão, como sujeitos/as de direito que devem ser cuidados, protegidos e preparados para a enfrentar as mazelas históricas que acometem a população negra no Brasil. Eles merecem uma atenção especial, uma compreensão mais profunda e um ensino que ultrapasse meros conteúdos obrigatórios. Da mesma forma, as aprendizagens acumuladas durante toda a jornada, aqui compartilhada, promoveram, também, um ambiente de trabalho acolhedor e respeitoso entre minhas colegas, que muitas vezes se tornaram verdadeiras companheiras na luta em prol de uma educação na qual a concretização da equidade seja a meta.

Nas interações com os estudantes do Ensino Médio, compartilho, com frequência, minha trajetória pessoal e resalto a relevância de cuidar da saúde física e espiritual, independentemente de crenças religiosas. Costumo enfatizar a importância de estabelecer uma conexão com a fé, seja por meio de práticas como orações, rezas ou o simples gesto de acender uma vela com devoção. Acredito que essa conexão espiritual nos fortalece, proporcionando resiliência para perseguirmos nossos objetivos e reconhecermos nossa capacidade de realização.

Muitas vezes, as/os estudantes comentam que me veem como uma mãe ou avó, apesar de não achar correto, politicamente, essa comparação, tenho consciência que, advém, também, das “parecenças” (sobretudo físicas) com as mulheres de suas famílias, posto que sou uma mulher negra de cabelos brancos e ciente da minha negritude. Afinal, como mães e avós, sempre queremos o melhor para nossos filhos e netos, incentivando-os a atravessar essa fase da vida de forma mais tranquila e orientando sobre como nós, pessoas negras, somos vistas pela sociedade racista e de que forma podemos pensar estratégias para o combate a esse mal. Sabemos que o racismo destrói os sonhos de muitas crianças e adolescentes e construir metodologias para uma educação libertária, torna-se uma estratégia para romper ciclos de opressão, para que possam seguir sem interrupções.

Em minha trajetória como estudante, vivenciei o interstício de dez anos, entre o período do término do Ensino Médio (1985) e meu ingresso na Universidade, no Curso de Letras (1995). Hoje presencio estudantes negros e negras concluindo o Ensino Médio e ocupando a Universidade no ano seguinte, o que me faz acreditar na potência da luta pela democratização do acesso ao ensino superior, iniciada aqui na Bahia pelo Instituto Cultural Steve Biko, e que ainda hoje participo de maneira ativa.

O Instituto Cultural Steve Biko, foi um farol na minha caminhada, me guiando em direção a valorização da minha autoestima e a construção de uma vida profissional com um olhar voltado para a ancestralidade e a valorização das contribuições dos povos africanos e afrobrasileiros. O curso Pré-vestibular, ofertado pela Instituição, é considerado um dos marcos iniciais do Brasil na promoção e preparação educacional de jovens negros e negros das classes populares para inclusão em espaços acadêmicos, democratizando o acesso ao ensino superior com o diferencial de incluir na matriz curricular o componente, Cidadania e Consciência Negra (CCN).

Além das aulas sobre ancestralidade negra, história da África, dos afro-brasileiros, religiões de matrizes africanas, afrofuturismo, movimento negro e de mulheres negras, o componente curricular CCN, desenvolve atividades extraclasse, com participação política nas ruas, com acesso a equipamentos culturais e visitas a locais de herança africana, com destaque para a atividade da trilha ancestral no Parque São Bartolomeu, na cidade de Salvador - Estado da Bahia, quando além de um trabalho de consciência ambiental, podemos acessar e observar também manifestações de ordem religiosa de matrizes africanas.

É nesse contexto e prestes a concluir a graduação, que ingressei em 1999, como docente do pré-vestibular, consolidando a minha formação como uma professora que educa de forma libertária, transformadora e necessária para a emancipação do povo negro. A Biko, como chamamos carinhosamente, não era um lugar estranho para mim, pois eu já havia assistido às aulas de Cidadania e Consciência Negra (CCN) na condição de ouvinte e participado de eventos do Instituto. Mas nada se comparava a essa nova etapa e experiência, um misto de alegria, de autoestima, medo e euforia de estar à frente de uma sala do pré-vestibular, em uma instituição com a qual muito me identificava.

Na reunião inicial com a equipe pedagógica, fui apresentada a diversos materiais relacionados a assuntos sobre a causa negra, e a proposta detalhada do curso. Lembro do momento em que planejei a primeira aula, com o compromisso de alinhar e assegurar o propósito do Instituto. Assim, considerando que a representatividade negra nos materiais de língua inglesa, eram em sua maioria descontextualizados da realidade desta população, propus

para a abertura da aula, a escuta da música *Talkin'bout revolution*⁸, autoria da cantora negra estadunidense Tracy Chapman (1988). Ademais, para trabalhar com interpretação e vocabulário, selecionei um texto biográfico sobre Rosa Parks, uma importante personalidade da história recente dos Estados Unidos, que ficou famosa por realizar um ato de desobediência civil, desencadeando uma série de protestos dos afro-americanos pelos seus direitos civis⁹. Ao trazer Parks e Chapman para as aulas, busquei construir uma prática mais crítica e representativa.

Como mulher negra e professora, percebia com mais intensidade, a potência revolucionária do Instituto Cultural Steve Biko tanto na vida das/dos estudantes, como das professoras e dos professores, ao promover afirmação identitária que ressignifica os aprendizados adquiridos na formação docente inicial, muitas vezes ancorada no eurocentrismo. A partir desta experiência eu afirmei a minha identidade e a responsabilidade com a minha ancestralidade, o que me permitiu reconhecer a importância da representatividade no ensino e o impacto da minha presença na sala de aula.

A partir do ano de 2005, passei a atuar como diretora pedagógica do Instituto Steve Biko, com o firme propósito de pensar novos projetos na área educacional e inovação, e a construção de uma educação equânime. Um dos principais eixos foi a gestão do programa de acesso à Universidade, cujo objetivo é preparar estudantes para ocuparem as universidades de forma aguerrida e comprometida com a luta contra as desigualdades raciais. Uma gestão que também estava comprometida com os processos seletivos dos projetos do programa, bem como no desenvolvimento de práticas pedagógicas e formação de docentes do Instituto, e de diversas escolas públicas parceiras no Estado da Bahia.

Outro aspecto importante, se refere a minha atuação nos programas de intercâmbios com países da diáspora africana e do continente africano, tais como: O Programa da *Spelman College*, *Morehouse College* e Universidade do Sul da Flórida nos Estados Unidos e *Afreximbank* no Egito, ampliando oportunidades de conhecimento e colaboração acadêmica. Ainda na diretoria pedagógica, colaborei com o projeto de concepção da Faculdade Steve Biko, uma iniciativa inovadora que busca consolidar um espaço de ensino superior voltado para uma educação pautada no antirracismo, inclusão e diversidade com a missão de reverter uma lógica eurocêntrica.

Posteriormente, na Diretoria Executiva, experimentei outra perspectiva da gestão, com

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xv8FBjo1Y8I>. Acesso em: 14 set. 2025.

⁹ Para maiores informações ver: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/rosa-lee-parks.html>. Acesso em: 14 set. 2025.

a missão de representar o Instituto garantindo sua atuação em diferentes espaços, com vistas a assegurar a execução das diretrizes institucionais, assim como estabelecer contatos com instituições parceiras e agências de financiamento, buscando apoio para a sustentabilidade das ações. Acompanhei e identifiquei casos de violência racial sofridos pela comunidade Biko, garantido encaminhamentos necessários, articulados como núcleo desenvolvimento de pessoas. Enquanto Diretora Executiva de uma organização do Movimento Negro, fui contemplada com o prêmio Pérola Negra Benedita da Silva, do mandato da Igualdade do Deputado Bira Côroa, do partido dos Trabalhadores, biólogo e professor, comprometido com a educação pública de qualidade. O prêmio foi um incentivo a continuar o trabalho tanto na Steve Biko, quanto no Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia.

O Colégio Estadual Edvaldo Brandão tem uma longa trajetória na construção de educação antirracista. São mais de 25 anos empreendendo práticas pedagógicas que visam afirmar a negritude da juventude cajazeirense. Vale ressaltar, que antes mesmo da implementação da Lei 10.639 em 2003, a instituição já desenvolvia uma educação pautada em discussões antirracistas, tais como: o projeto *Beleza Negra*, idealizado pela professora Ana Márcia Dantas Alves Almeida inspirada na Noite da beleza negra, do bloco afro Ilê Aiyê - quando se elege a rainha que reinará nos festejos momescos todos os anos. Projeto que tive a oportunidade de acompanhar desde quando cheguei na escola em 2000, um marco institucional na construção da identidade e elevação da autoestima dos/das educandos/das, majoritariamente negros/as. O projeto iniciou com um desfile inspirado na noite da beleza negra, do referido bloco afro, exaltando a estética afro e a musicalidade negra. Nos anos seguintes, o projeto passou a ser organizado pelas áreas do conhecimento e foi inserido no projeto pedagógico do colégio.

Acredito na educação como forma emancipadora e disruptiva do *status quo* excludente da sociedade brasileira. Todas as minhas vivências são pautadas na educação para a relações étnico-raciais, popular, inclusiva, e que oportuniza à juventude negra, vencer as barreiras impostas por uma sociedade opressora e a seguir, de cabeça erguida, em busca dos seus sonhos e objetivos. Tenho me dedicado especialmente a desenvolver projetos que tenham práticas pedagógicas que discutem a leitura e escrita e suas interfaces com a diversidade, principalmente nas pautas de raça e gênero e suas interseccionalidades. Atuo como professora de língua portuguesa e inglesa há duas décadas e meia. Meu trabalho profissional tem um foco social, uma vez que a língua é algo vivo, um instrumento de comunicação e de poder. Coaduno com hooks (2019, p. 73) ao declarar que: “a linguagem é um lugar de luta”, e nesse sentido, me baseio na produção do Movimento Negro, minha maior “escola”.

Ao longo da minha trajetória como uma educadora consciente da importância de trabalhar questões relacionadas à raça e gênero, desenvolvi, com minhas colegas, diversas iniciativas pedagógicas que utilizam tanto a leitura, como a escrita, na valorização da identidade. Por meios destes projetos, busco elaborar espaços de reflexão crítica, que possibilitem um olhar para a ancestralidade, trazendo para o presente e para o futuro, a força dos nossos antepassados, na intencionalidade de promover uma formação para uma cidadania que valorize e respeite a diversidade, assim como o compromisso de continuar a luta em prol de uma sociedade sem discriminações e preconceitos e com garantias de direitos.

Entre 2001 e 2003, nas turmas de inglês, elaborei e executei o projeto *Países africanos de língua inglesa*, em parceria com professores de língua portuguesa, geografia e história como intuito de: I) conhecer os países do continente africano que falam inglês como primeira e segunda língua; e II) discutir o papel do inglês como língua franca e os impactos na comunicação a partir da cosmovisão africana. O projeto era realizado em três etapas, a saber: a) pesquisa aprofundada; b) debate sobre o material coletado em seguida; c) uma exposição dos aspectos mais relevantes do país pesquisado, tais como a cultura, geografia e história. Essa iniciativa nasceu de uma insatisfação minha pelo fato de anteriormente ser desenvolvido no colégio um projeto do componente curricular que contemplava apenas países de outros continentes, deixando de fora países importantes do continente africano. Os estudantes ficaram encantados por conhecer aspectos da África, de maneira positiva, fortalecida e diversa, sem os estereótipos negativos que ainda hoje encontramos, no espaço escolar, em relação ao referido continente.

Em 2010, baseada no objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS), compromisso assumido pelo Brasil de alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas até 2030, desenvolvi, durante as aulas do componente curricular Produção de texto, um projeto intitulado *Vozes pela igualdade: arte e educação contra o machismo*. Voltado para a conscientização da igualdade de gênero, tinha como objetivo estimular a reflexão crítica entre as/os estudantes. A pesquisa sobre o tema foi o ponto de partida, seguido pela observação das relações de gênero no cotidiano da comunidade escolar, campanhas durante o intervalo das aulas. Além dos debates em sala, tomando como referência a análise de dados estatísticos sobre as desigualdades de gênero no Brasil e textos sobre o tema para uma melhor compreensão dos impactos gerados pela disparidade entre homens e mulheres na sociedade brasileira. Como culminância, as turmas apresentaram dramatizações, jogos de perguntas e respostas, música, performances, danças e poesia, para os estudantes do primeiro ano do Ensino Médio.

Cabe destacar que inicialmente, alguns estudantes tiveram resistência ao projeto, fruto de pensamentos e práticas machistas, e da falta de consciência de gênero, fazendo piadas pejorativas em relação às próprias colegas. Porém, com o desenvolvimento das aulas e das várias intervenções, necessárias para desconstrução de comportamentos sexistas, as atividades passaram a ter outros sentidos. Posto que saímos das teorias para a constatação de fatos, nas quais as mulheres se encontravam em desvantagens em relação aos homens, um trabalho pedagógico importante de enfrentamento, após a etapa de observação das relações de gênero evidenciadas no colégio, especialmente em relação às meninas. A exemplo da restrita participação nas aulas de educação física, a sobrecarga de trabalho, a responsabilidade nas atividades em grupo, e o exercício da liderança de classe. Situações explícitas da perpetuação de desigualdades e opressões de gênero que evidenciava a importância de projetos afirmativos daquela ordem, para que a escola pudesse reconstruir uma sociedade mais equânime. Não obstante, hooks (2017, p. 56) preconiza que devemos “Fazer da sala de aula um contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de contribuir é um objetivo central da pedagogia transformadora”.

Nesse sentido, o projeto cumpriu o papel de trazer o debate para o centro da sala de aula oportunizando a escuta de todas as vozes, emergindo problematizações e, em certa medida, conflitos em torno da temática; o que evidenciou a diversidade de opiniões presente nos grupos. Entretanto, no decorrer das aulas, foi possível construir um entendimento coletivo sobre equidade de gênero, de respeito às mulheres e da responsabilidade de toda a comunidade escolar em promover uma educação emancipadora e democrática, combatendo práticas perversas e seculares que tem matado mulheres todos os dias.

Após a experiência do *Projeto Vozes da Igualdade* e a ampliação dos estudos sobre raça, gênero e interseccionalidades e identificando a falta de conhecimento sobre mulheres negras que romperam barreiras da opressão, além da falta de representatividade feminina no âmbito escolar, elaborei em 2013, o projeto interdisciplinar *Mulheres Negras que fizeram e fazem a diferença no mundo*. Com ações voltadas à pesquisa e estudo sobre a biografia de mulheres negras de diversas áreas do conhecimento, que contribuíram para uma sociedade mais justa. As mulheres selecionadas foram apresentadas, de maneira breve, aos grupos, para que eles escolhessem o perfil de maior identificação e construíssem uma apresentação em forma de seminário.

O trabalho desenvolvido gerou um grande engajamento nas turmas do segundo ano do ensino médio, especialmente entre as jovens, reforçando a importância de projetos afirmativos no âmbito escolar. Contudo, emergiram questionamentos sobre as razões de nomes tão

importantes não serem reconhecidos, nem celebrados, tornando-se explícito, dessa forma, o apagamento histórico das mulheres negras, que não se restringe ao Brasil, mas se revela como um problema mundial. Como conclusão, realizamos uma exposição fotográfica na qual as estudantes envolvidas no projeto e as mulheres pesquisadas foram contempladas, perfazendo um movimento paralelo entre as biografias das mulheres negras e as jovens estudantes. Uma forma de elevar a autoestima tanto das jovens que, a partir de suas pesquisas, colocaram o projeto em prática, quanto das demais turmas que visitaram a exposição.

É relevante salientar o impacto positivo das atividades desenvolvidas, ao evidenciarem a luta destas mulheres em prol de suas comunidades e na busca por justiça social. O que promoveu a reedição do projeto em outros momentos, a partir do diálogo com as demais áreas do conhecimento e parcerias com outras professoras negras que possuíam a mesma compreensão da importância de construir metodologias e práticas pedagógicas que conduzam a uma formação crítica que não reproduzisse opressões.

Em 2021, período pandêmico, com o ensino remoto, a área de linguagens desenvolveu o *Projeto Semana de Linguagens*, como o tema “Lugar de mulher é onde ela quiser”, alusivo ao Julho das Pretas, agenda de incidência política criado pelo Instituto da mulher negra - Odara, situado em Salvador, no Estado da Bahia. O Julho das Pretas acontece anualmente e busca incentivar o protagonismo feminino negro em diversos contextos. Com o auxílio dos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvemos diferentes metodologias para trabalhar na modalidade virtual. Durante a semana ficou em evidência a importância do debate e a necessidade urgente dos jovens, sobretudo em contexto pandêmico, de se expressarem por meio da fala e da escrita, sobre questões de raça e gênero, temas que no momento estavam atravessando suas vivências de forma ainda mais intensa, posto que confinada estava a maioria deles, por conta da pandemia.

Em 2022, recebemos o Prêmio Jorge Conceição no valor de R\$ 10.000,00 para executar as atividades do Projeto Escolar Escrevivências afro-baianas, inspirado no conceito da Escritora Conceição Evaristo com o objetivo de incentivar a leitura e promover a escrita e a publicação de textos literários produzidos por estudantes do CEEBC, uma vez que ainda não existia no colégio, nenhum tipo de registro em livro das diversas experiências na escola sobre afirmação da cultura afrobrasileira.

O livro *Escrevivências Afro-Baianas* foi produzido pela Editora de Quebrada e financiado pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia, por meio do Edital Jorge Conceição de Estímulo a Práticas Antirracistas. A curadoria dos poemas foi realizada pelas professoras responsáveis pelo projeto, contando com a colaboração da coordenadora pedagógica Luciene

Reis, enquanto a apresentação da obra ficou a cargo do bolsista PIBID Victor Gabriel Almeida Oliveira. Todo o processo de curadoria, bem como a escolha dos elementos da capa e das ilustrações, ocorreu de maneira democrática e participativa, reafirmando os princípios de coletividade e autoria compartilhada que orientam o projeto. A escolha da Editora de Quebrada e do designer fundamentou-se no fato de serem profissionais oriundos dos territórios de Cajazeiras e Castelo Branco, os mesmos territórios de origem das estudantes participantes, fortalecendo o vínculo entre produção cultural, pertencimento territorial e valorização das narrativas locais e pelo ativismo através de seus trabalhos.

Foi feita uma tiragem de cento e cinquenta livros distribuídos para a comunidade escolar e outros/as professores e professoras e pessoas interessadas na temática do livro. Também foram disponibilizados alguns exemplares para a biblioteca escolar, embora o nosso desejo fosse de existirem mais exemplares para distribuir com outros colégios do território, o que ainda não foi possível realizar.

Durante todo o caminho até a chegada do lançamento do livro, realizamos diversas atividades e lançamos parte dos poemas na versão *fanzine*, confeccionado pelos estudantes, durante as oficinas de encadernação afrocentrada. O lançamento ocorreu na Vila Literária da Flipelô (Feira literária do Pelourinho) em 03 de novembro de 2022, primeira apresentação fora do ambiente escolar. Retornamos no palco da Vila Literária em 2023 e 2024 com nosso sarau de poesia em homenagem ao Julho das Pretas. Ainda sobre a participação em feiras literárias, participamos da Festa literária arte e identidade em 2023, 2024 e 2025, sendo que na edição de 2024, a estudante Ana Beatriz Costa cursista do primeiro ano do Novo Ensino Médio, em sua estreia no projeto, venceu em terceiro lugar o concurso de poesia Versos de identidade (Figura 1). Um evento ocorrido no espaço Juventudes da Festa literária, localizado na praça Tereza Batista - Bairro Pelourinho, em Salvador/BA.

Figura 1 – Premiação do concurso Versos de Identidade



Fonte: Instagram, perfil: arteeidentidadeoficial

Ainda a respeito das premiações, o projeto foi agraciado no período de 2023 a 2025 no Prêmio Lélia Gonzalez, de estímulo à produção literária e visibilidade e valorização das narrativas de jovens negras, idealizado pelo Instituto de Justiça Social (IBAJUS) ocorridos em espaços culturais da Cidade de Salvador Bahia, Museu Geológico da Bahia, Biblioteca Pública do Estado da Bahia e Centro Cultural da Barroquinha. O prêmio tem como inspiração a trajetória de Lélia González, importante intelectual negra e ativista brasileira, reconhecida por suas contribuições na luta antirracista, feminista e pelos direitos humanos.

Na primeira versão do prêmio em 2023, Jayane Campos Ramos de Almeida, estudante do 2º ano do Novo Ensino Médio, venceu em 3º lugar, com o poema “*Meu cabelo*”. No ano de 2024 Aída Danielle Dantas Sacramento, estudante do 2º ano do curso Técnico Integrado em Administração, venceu em primeiro lugar com o poema “*Raízes de Baobá*” e Evellyn Fernanda de Barros, estudante do terceiro ano do Novo Ensino Médio, foi agraciada em terceiro lugar. Recentemente, em dezembro de 2025, a estudante do 3º ano do Novo Ensino Médio Kailane Boaventura e Beatriz Pereira da Silva cursista do 2º ano Técnico, venceram no segundo e quarto lugar respectivamente. A primeira premiação repercutiu positivamente entre as estudantes e motivaram outras a inscreverem seus escritos. As figuras 2 a 4 ilustram momentos da premiação das estudantes.

Figura 2 - Premiações do concurso Lélia Gonzalez 2023, 2024 e 2025



Fonte: Instagram, perfil: escrevivenciasafrobaianas

Figura 3 - Premiações do concurso Lélia Gonzalez 2023, 2024 e 2025



Fonte: Instagram, perfil: escrevivenciasafrobaianas

Figura 4 - Premiações do concurso Lélia Gonzalez 2023, 2024 e 2025



Fonte: Instagram, perfil: escrevivenciasafrobaianas

Todas essas experiências serviram de lastro e inquietação sobre o movimento de produção de textos, com mais ênfase entre as jovens meninas negras que precisavam ser investigados e observados com mais cuidado e atenção.

Percebemos dessa forma, os ganhos reais com a execução e continuidade do projeto. Este ultrapassou os muros escolares e ganhou espaço na cena literária local, proporcionando as participantes um aumento da confiança em si mesmas e nas produções realizadas, a ponto de se sentirem prontas para participarem de seleções e apresentações em Feiras Literárias, dentre outros eventos.

Ao executar coletivamente as ações do projeto, observando ainda mais a dedicação e a produção literária das jovens, me desafiei a escrever teoricamente sobre o potencial que se apresentava de forma transformadora nos poemas de autoria feminina, nos quais me debruço de forma mais demorada e profunda em uma seção específica desta dissertação, posto que se trata do meu objeto de estudo no mestrado em curso, sobre o desenvolvimento do projeto *Escrevivências afro-baianas* e suas potencialidades.

O impulso para ultrapassar as veredas da observação e do acompanhamento pedagógico deste movimento das estudantes e desenvolver a esta pesquisa, ocorreu quando recebi uma divulgação pelas redes sociais sobre o Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens

da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Mel Malês/ UNILAB) para o processo seletivo do Mestrado em Estudos de Linguagens: Contextos Lusófonos Brasil- África, no qual fui aprovada e ingressei em janeiro de 2024.

O referido Mestrado tem como missão, desenvolver, sistematizar e aprofundar pesquisas sobre as diferentes dimensões das linguagens no âmbito linguístico e literário no mundo contemporâneo, com enfoque para a realidade social dos países de língua oficial portuguesa. Essas pesquisas serão fundamentais para que se promova a integração a partir do diálogo entre a interiorização e a internacionalização, ratificando, assim, a missão da UNILAB. Ao conhecer as linhas de pesquisa, de imediato conectei o Projeto Escrivências e minhas inquietações e vontade de compartilhar para o mundo, vislumbrando sua relação e pertinência com a linha de pesquisa Linha 3 - Estudos das linguagens em contextos educacionais. Linha que objetiva desenvolver investigações no campo dos estudos das linguagens em contextos educacionais, considerando os aspectos culturais, políticos e sociais e acolhe projetos desenvolvidos no espaço escolar; o que denota a valorização do que está sendo produzido nestes espaços. Outro fator motivador foi o fato de ser um programa de uma universidade fruto de uma política afirmativa que muito se aproxima da minha trajetória pessoal, profissional e da minha ancestralidade. Uma vez que está em um espaço de luta e resistência (Recôncavo baiano) e conviver com outras colegas professoras negras e diversos irmãos e irmãs vindos do continente Africano, constitui uma experiência que reverbera por toda a vida e fortalece os vínculos de pertencimento, memória e identidade.

Nesta esteira, propor esse estudo que atravessa a minha trajetória educacional, é também registrar parte de uma história de um colégio público que ao longo de todos esses anos, propôs uma educação pautada no respeito à diversidade e comprometida com a emancipação educacional. Assentar esses estudos dentro de uma universidade com propósito de superar desigualdades raciais.

3 ESCRIVIVÊNCIA: DA GÊNESE DE UM CONCEITO QUE SE AMPLIA

[...] quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um 'corpo-mulher-negra em vivência' e que por ser esse 'o meu corpo, e não outro', vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta (Evaristo, 2009, p. 18).

A nascitura do conceito de escrevivências, cunhado por Conceição Evaristo, emerge do ato de escrever, viver, se ver enquanto ‘um corpo-mulher-negra em vivência’, cujas experiências são desveladas, desafiando estereótipos e discursos dominantes, impostos por um corpo não negro, não mulher. Trata-se de uma escrita que não fala sobre o outro, mas a partir de si mesma e de uma coletividade historicamente silenciada, desfazendo uma imagem do passado que escravizou e calou as vozes de mulheres negras. “E se ontem nem a voz pertencia às mulheres e escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais” (Evaristo, 2019, p. 30).

Ao considerar o processo histórico das mulheres negras, colocadas em posição de subalternidade, sem direito a “erguer a voz” (hooks, 2019), sem acesso a espaços de poder e decisão, a escritora e intelectual negra, engendra a escolha da escrevivência, como uma forma de “[...] aproximar a linguagem escrita o mais possível da linguagem oral. Quero a dinâmica das palavras pronunciadas no cotidiano, as que movimentam a vida e não as que dormem no dicionário [...]” (Evaristo, 2020, p. 37). Sua forma de escrever surge da vivência de ser uma pessoa brasileira de origem africana, com uma identidade que ela chama de “nacionalidade hifenizada”. Trata-se, portanto, de uma escrita, enraizada na ancestralidade e na diáspora africana, profundamente particular, que celebra a sua ancestralidade e expressa a experiência de ser uma pessoa negra no Brasil, distinta de outros grupos. É por esta razão que a escrevivência,

[...] antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha [...] (Evaristo, 2020, p. 35).

A autora prossegue afirmando que no exercício da escrevivência, há uma escolha semântica para que as mulheres negras, assim como ela, se autoinscrevam, se apropriem “[...] desses signos gráficos, do valor da escrita e de tornar vivo a oralidade ancestral, suas

experiências subjetivas. [...] Escrevivência tem a observação e a absorção da vida, da existência. Nunca foi uma ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas” (Evaristo, 2020, p. 34). Uma escrita que incomoda, descoloniza e abre espaço para a expressão, a resistência, que se revela como ‘espaço’ de pertencimento.

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946 mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 1970. Graduada em Letras pela UFRJ, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. É Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996), e doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011), estudo sobre as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira em confronto com a do angolano Agostinho Neto. Em 2017, Evaristo foi tema da Ocupação do Itaú Cultural de São Paulo.

O legado literário de Conceição Evaristo é composto por poesia, romances, contos, uma novela e alguns ensaios. A década de 90, demarcou as primeiras publicações sobre a escrevivência, quando Evaristo publicou poemas nos Cadernos Negros¹⁰, dentre eles, “Vozes-mulheres”, protagonizado por vozes femininas: a bisavó, a avó, a mãe, o próprio eu lírico e sua filha. O poema, republicado em 2008, no livro: *Poemas da recordação e outros movimentos*, reflete sobre o lugar da mulher negra na sociedade brasileira.

Não obstante o lento processo de visibilização decorrente das marcas impressas pelo racismo às mulheres intelectuais negras, publicou os seus primeiros romances: *Ponciá Vicêncio* em 2003, abordando temas sobre a pobreza, as violências de gênero e as injustiças sociais; *Becos da Memória*, escrito na década de 1980 e somente publicado em 2006, com narrativas que relatam histórias de corpos negros na favela. No ano seguinte, em seu ensaio poético *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita*¹¹ (2007), Evaristo narra o seu primeiro contato com a escrita na infância, e utiliza o termo grafia-desenho, para se referir ao desenho do sol, feito por sua mãe, no chão do quintal da casa. Um gesto que representava a escrita (pictográfica), como uma expressão de emoções e ancestralidade.

As narrativas femininas negras reelaboradas pela perspectiva das próprias mulheres, se

¹⁰ Publicação organizada pelo Quilombhoje, com quase cinquenta anos de existência e que alterna os números publicando contos (números pares) e poemas (números ímpares). Acabou se configurando como “escola” e “vitrine” para os nomes que hoje despontam no cenário literário negro nacional. Conceição Evaristo faz a sua estreia como autora no volume 13 da mencionada antologia, no ano de 1990.

¹¹ Texto apresentado na Mesa de Escritoras Afro-brasileiras, no XI Seminário Nacional Mulher e Literatura/II Seminário Internacional Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 2005. Publicado no livro *Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p 16-21.

constituíram como pano de fundo, para a escrita da obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Publicado inicialmente em 2011, os contos são inspirados em entrevistas realizadas com mulheres negras, e como buscaram superar as dificuldades e sofrimentos experimentados no decorrer de suas vidas. Posteriormente, publica *Olhos d'água* (2014), cujo foco evoca a pluralidade e vulnerabilidade da condição humana da população afro-brasileira; sendo agraciada no ano seguinte pelo Prêmio Jabuti de Literatura. *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016), um livro inovador, contendo contos e uma novela, em uma tessitura que percorre as veredas do insólito, do estranho e do imprevisível. Em *Canção para ninar menino grande* (2018), Conceição faz emergir as mazelas e feridas da escravidão e seus impactos na sociedade contemporânea. O romance faz uma denúncia ao racismo estrutural, ao tempo em que anuncia a urgência de uma reparação das desigualdades históricas no Brasil.

Publicou ainda, Macabéa, Flor de Mulungu, compartilhando uma nova versão para o clássico de Clarice Lispector e produziu contos, um folhetim com seis episódios¹² (Projeto SESC Pompeia) e uma narrativa em formato de podcast em parceria com o Museu de Arte do Rio¹³ – MAR – quando ficcionaliza a travessia feita pelos nossos ancestrais, via tumbeiros.

Em crescente ascensão, Evaristo vem participando de eventos literários nacionais e internacionais, sendo reconhecida como uma das principais intelectuais negras do país. Neste contexto, foi agraciada com o Prêmio Jabuti de Personalidade Literária (2017), em reconhecimento de sua trajetória e contribuição para a cultura nacional. Em 2018, a campanha *Conceição Evaristo para a Academia Brasileira de Letras* mobilizou artistas, educadores e ativistas, evidenciando a força simbólica e política de sua escrita, a despeito de não ter sido eleita para a Academia Brasileira de Letras.

Cabe destacar que diversas pesquisas, teses e dissertações tomam a Escrivência como objeto ou referencial teórico, demonstrando sua fecundidade analítica e crítica. O conceito se expande para além da literatura, ganhando força como instrumento de análise nas áreas da educação, ciências humanas, dança, psicanálise, psicologia, dos estudos culturais e dos movimentos sociais. Para Evaristo (2020, p. 31),

[...] assim como é diferenciada a experiência de ser *brasileirovvida*, de uma forma diferenciada, por exemplo, da experiência de nacionalidade de sujeitos indígenas, ciganos, brancos etc. Ao mesmo tempo, tenho tido a percepção que, mesmo partindo de uma experiência tão específica, a de uma afro-brasilidade, consigo compor um

¹² Disponível em: <https://folhetimsescpompeia.medium.com/fio-de-prumo-um-piano-para-y%C3%A1-dulcina-por-concei%C3%A7%C3%A3o-evaristo-ep-1-2854da0391bc>. Acesso em: 6 jan. 2026.

¹³ Podcast. Disponível em: podomatic.com/podcasts/museudeartedorio/episodes/2019-11-11T06_51_34-08_00?utm_source=web-player&utm_medium=episode-link. Acesso em: 8 jan. 2026.

discurso literário que abarca um sentido de universalidade humana. Percebo, ainda, que experiências específicas convocam as mais diferenciadas pessoas.

A partir dessa especificidade, a autora percebe que sua literatura alcança uma "universalidade humana", pois consegue tocar em temas e sentimentos que se conectam com pessoas de diferentes realidades. Assim, revela que a experiência individual e específica, dialoga, também, com a condição humana em sua totalidade.

É nesta perspectiva que emerge a publicação do livro *Escrevivência: a Escrita de Nós – reflexão sobre a obra de Conceição Evaristo* (2020), organizado por Isabella Rosado Nunes, diretora da MINA Comunicação e Arte, e Constância Lima Duarte, professora de pós-graduação em Estudos Literários da UFMG. A obra se tornou uma referência no estudo sobre a temática, um mosaico de escritas que refletem sobre o conceito criado pela autora mineira, por meio de textos de predominância de autoras negras, mas sem exclusividade. Reflexões que abordam os sentidos, percursos e desdobramentos da escrevivência na literatura, na Academia e na vida cotidiana. São especialistas em literatura, educação, comunicação e escritores da literatura negra contemporânea, que contribuem para o aprofundamento da ideia e que se revelaram como imprescindíveis no presente estudo. Neste contexto, apresentamos a seguir, reflexões de pesquisadoras (es), presentes em alguns textos.

Logo no início, a obra nos presenteia com o texto, *A escrevivência e seus subtextos* (2020), de autoria de Evaristo, que descreve o surgimento do conceito, e como esta narrativa vem influenciando a escrita das mulheres negras. Para a autora, particularizada que me conduz a uma experiência de nacionalidade diferenciada, conforme já salientado, pois, carregamos em nossos corpos, memórias de um sistema racialmente estruturado que tenta nos apagar e nos invisibilizar todos os dias. O termo ‘subtextos’ refere-se às marcas da oralidade, da dor e do apagamento racial, compondo uma escrita que denuncia, mas também (re) constrói identidades e trajetórias.

No ensaio *Escrevivência: sentidos em construção*, Maria Nazareth Soares Fonseca (2020) investiga o desenvolvimento da noção ao longo da trajetória de Evaristo, destacando que a ideia ganha mais força a partir do momento que passa a ser utilizada em artigos, teses, dissertações e discussões dos próprios textos da escritora. O que identifica a escrevivência como um paradigma ético-estético que desafia os cânones literários e epistemológicos eurocêntricos ainda presentes na Academia. A autora argumenta que a escrevivência se constitui em um lugar de elaboração do trauma coletivo da diáspora negra e de afirmação de um sujeito histórico que narra a partir das margens. O texto revela como o conceito está em permanente construção, marcada pela pluralidade de vozes e experiências negras.

O texto *Escrevivência: itinerário de vidas e de palavras*, de autoria de Assunção de Maria Sousa e Silva (2020) retoma a trajetória biográfica e intelectual de Conceição Evaristo, refletindo como a sua produção está enraizada em um percurso de deslocamentos geográficos e simbólicos, desde a infância em uma favela de Belo Horizonte até a inserção no espaço acadêmico. Para a autora, a escrevivência é também um processo pedagógico de autoformação, em que a palavra se torna ferramenta de resistência e empoderamento. A escrita, nesse sentido, não é apenas narrativa: é uma prática política de transformação de si e do mundo.

Por sua vez, no artigo *Escrevivência como rota de escrita acadêmica*, Fernanda Felisberto (2020) propõe uma reflexão sobre a possibilidade de transpor os fundamentos da escrevivência para o campo da pesquisa acadêmica. E nesse sentido, defende a valorização de metodologias afetivas, situadas e comprometidas com os saberes subalternizados, questionando os parâmetros da objetividade e da impessoalidade na ciência. A escrevivência, neste caso, emerge como método de pesquisa e de produção de conhecimento insurgente, permitindo o trânsito entre o vivido e o teórico, entre o corpo e o texto.

Rosane Borges, em *Escrevivência em Conceição Evaristo: armazenamento e circulação dos saberes silenciados* (2020) investiga a escrita de Evaristo como mecanismo de ativação e transmissão de saberes ancestrais. Borges argumenta que a escrevivência opera como um arquivo afetivo e coletivo, capaz de romper com o epistemicídio e reconfigurar os modos de inscrição do saber. E prossegue afirmando que se trata de uma tecnologia de memória, capaz de deslocar a centralidade do conhecimento ocidental e propor outros modos de narrar, lembrar e existir.

Ao dialogarem entre si, estas autoras constroem um corpo teórico em expansão que afirma a escrevivência como uma epistemologia negra e feminista. A escrita de mulheres negras, como declara Evaristo (2020), não apenas inscreve subjetividades silenciadas no campo da literatura, mas também interroga as fronteiras das formas tradicionais de conhecimento. Um gesto radical de reinscrição no mundo, uma forma de dizer que as mulheres negras existem, reexistem e sonham.

Outrossim, a escrevivência ultrapassa os limites do texto literário, configurando-se como um projeto político-pedagógico de afirmação identitária, crítica social e construção de novas formas de saber em um país marcado por profundas desigualdades raciais e de gênero, essa escrita carrega a força de uma ancestralidade viva, atualizada no presente e projetada para o futuro.

Uma outra produção que merece destaque é a obra *Escrevivência: identidade, gênero e violência* na obra de Conceição Evaristo (2023), organizada por Constância Lima Duarte,

Cristiane Cortês e Maria do Rosário Pereira, lançada inicialmente pela editora Idea (2018) e posteriormente ampliada e republicada pela editora Malê, em 2023. Trata-se de um estudo que parte do projeto estético literário da autora Conceição Evaristo, com aprofundamento da noção de escrevivência, mais especificamente nos textos: *Escrevivência, fabulação e os passados inauditos* (Miranda, 2023); *Intelectual negra: a produção literária de Conceição Evaristo* (Santos, 2023) e *Conceição Evaristo: circuitos transnacionais, entrelaçamentos diaspóricos* (Coser, 2023).

Notamos um avanço no pensar e publicar sobre a noção, aqui estudada enquanto epistemologia, sobretudo quando se pensa nas pesquisas realizadas por intelectuais negras, dentro e fora da Academia. Conceber, propor e executar investigações negrorreferenciadas, inspiradas e pautadas em epistemologias feministas negras (Collins, 2019) tem tido um significativo aumento. Um movimento semelhante e que parece um pouco mais tímido e modesto tem sido, no entanto, o de usar a noção como metodologia, como forma de conduzir as pesquisas. Ainda, mesmo que numa rápida procura nos principais buscadores virtuais, encontremos ensaios, artigos e até mesmo dissertações e teses, se comparado às produções que se voltam para a noção enquanto epistemologia, percebemos uma relativa diminuição de trabalhos.

E é por todo conteúdo e percurso compartilhado, até aqui, que afirmo e confirmo que a minha história de vida e de formação revela amadurecimento para propor o projeto, objeto desta investigação: *Escrevivências Afro-Baianas*, situado no Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia. E ainda que tal investigação pareça centrar somente no meu percurso, indago, provocando, quantas das minhas irmãs não se veem refletidas e contempladas por terem vivido eventos semelhantes aos aqui narrados e experienciados, desafios e situações análogas, inclusive com desfechos equivalentes?

Para além de todos os aspectos mencionados, é preciso ressaltar, ainda, que o Projeto, objeto de estudo desta investigação, além de trazer escrevivência no nome, é o solo de onde se desdobram quase que a totalidade das ações propostas. Notamos, desta forma, que a noção de escrevivência alinhava, sustenta, alimenta e arremata todo o trabalho aqui proposto e apresentado.

Outro ponto que merece ser comentado é o fato de que muitas vezes a produção teórica da proponente da teoria/metodologia Conceição Evaristo é pouco utilizada, o que acaba por provocar um incômodo, sobretudo político, posto que se trata, novamente, de silenciamento das nossas contribuições para áreas tão díspares ou até mesmo de “pilhagem epistêmica” em conformidade com a noção cunhada por Henrique Freitas (2022). Segundo ele:

A pilhagem epistêmica constitui-se no Brasil, desde o período colonial, como um dos principais vetores de “produção oficial do conhecimento” beneficiando sempre os projetos e grupos econômicos, artísticos, raciais socialmente privilegiados, calcado na apropriação indevida de saberes indígenas, africanos e negro-brasileiros para o desenvolvimento de diversos campos, ao mesmo tempo em que há o apagamento do protagonismo dessas minorias, a ausência de qualquer retorno em benefício para suas fontes, bem como o extermínio simbólico e literal desses corpos colocados à margem da sociedade brasileira (Freitas, 2022, p. 2).

Desta forma, a colonialidade do saber persiste sustentando hierarquias raciais e culturais que definem quem pode produzir conhecimento e que permanecerá apenas como objeto de estudo. O que afirma a urgência de trazer à cena literária outras vozes, outras formas de fazer e de desconstruir para além de uma centralidade literária fundamentada apenas nos cânones literários.

Corroboro com Evaristo (2017), ao asseverar que a escrita que emerge das vivências negras, carrega marcas do corpo, da ancestralidade e heranças afetivas e culturais. Assim, exemplificando como a “escrita de nós” pode operar como resistência da memória afetiva e reexistência política, tornando-se objeto central para investigações que se debruçam sobre as práticas de autoria de mulheres negras no Brasil.

3.1 A ESCRITA AFRO FEMININA QUE EMPODERA

Ao articular escrevivência, juventude negra e escola pública, buscamos contribuir com a construção de práticas pedagógicas para o ensino das relações étnico-raciais, que valorizem as experiências e as produções de estudantes negras, promovendo a autoria, a escuta, o reconhecimento de suas potencialidades e exercícios de leitura crítica de autoria negra. Além disso, ao mapear e analisar essas escritas, o trabalho aponta para a urgência de políticas educacionais que compreendam a dimensão subjetiva, afetiva e identitária da experiência escolar das juventudes negras, particularmente das meninas negras, que se encontram na intersecção de múltiplas opressões de raça, gênero e classe.

Neusa Santos Souza (2021, p. 17) declara que “Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade”. Fazendo uso desse ensinamento, ofertado por essa mais velha, como fundamento para respaldar as ações educativas no Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia, sigo elegendo como respaldo teórico, também hooks (2017) quando compartilha sobre seus processos de construção teórica.

Cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguia continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender – aprender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura. (hooks, 2017, p. 83).

Para a autora, é preciso localizar, nomear e teorizar a dor para fazê-la ir embora. Essa teórica diz, ainda, que a teoria, sozinha, não promove o que ela denomina de cura, mas que isso só ocorre quando a ela, a teoria, nos dirigimos com tal fim. Tais aprendizagens, utilizadas em meus processos como mulher negra educadora são contemplados, também, nos momentos de planejamento e execução das atividades do projeto, objeto de estudo desta investigação e insumo para a escrita dessa dissertação.

Muitas são as demandas enfrentadas pelas jovens estudantes participantes do projeto, cotidianamente, como bem sinaliza Kilomba (2019) quando ressalta que os episódios de racismo são vividos todos os dias. Ousaria complementar que as opressões experienciadas por essa juventude negra e, em especial, pelas meninas-mulheres negras, são acumulativas. A existência vivida em corpos de mulheres negras é sempre permeada de experiências de ordem traumática, posto que são historicamente, alvos preferenciais do racismo e seus derivados. As participantes do projeto guardam entre elas, experiências compartilhadas de violências (as mais diversas) e opressões múltiplas, mas acabam criando, também, estratégias, “gingas e dribles” para permanecerem vivas e quando possível saudáveis, sobretudo no plano psíquico.

Pensar, propor e operacionalizar projetos com teor e intenções próximas, acaba se configurando como lugares seguros (Collins, 2019), aqui entendidos como: espaços físicos ou intelectuais, onde mulheres negras podem existir ou se organizar fora das estruturas de opressão racial, dentro e fora do colégio, o que tem se revelado como imprescindível para o crescimento de forma positiva, dessas jovens negras, locais nos quais a acolhida afetuosa, a escuta plena e respeitosa, despontam como fundamentais para que a troca efetiva entre as gerações, ocorra de forma significativa.

A diversidade temática aqui apresentada evidencia a relevância e a transversalidade da noção de Escrivência no campo dos estudos acadêmicos. No entanto, ainda observamos uma lacuna no que se refere a investigações que tenham como foco a escrita e a autoria negra de jovens em escolas públicas, a partir de suas próprias experiências, sentimentos e trajetórias. Nesse sentido, o presente trabalho avança ao propor uma análise da produção de textos autorais por jovens negras periféricas, que estão presentes no livro *Escrivências* (2023). Além disso, há o desejo de que a pesquisa se configure em um instrumento de resistência e afirmação identitária, que também seja utilizado como recurso didático, que possa inspirar outros projetos

e contribuir para a efetivação da Lei 10.639/03 e nos processos de empoderamento de estudantes negros e negras no ambiente escolar.

4 UMA METODOLOGIA ESCRIVIVENTE

[...] escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente (Evaristo, 2020).

Ao trilhar um caminho inverso, borrando imagens do passado, corpos femininos negros, se empoderam da palavra escrita, rompem com silenciamentos impostos, resgatam memórias e ancestralidade, para contarem suas próprias experiências, suas histórias e insurgências, por meio de suas escrevivências. É nesta perspectiva, que se insere o presente estudo de natureza qualitativa, ancorado na noção de escrevivência, como uma escolha teórica-analítico-metodológica para pautar as histórias de vida de estudantes negras e seus processos de criação literária, motivada pela imaginação, alicerçada nas experiências e abordagens de Conceição Evaristo (2020).

Nesta tessitura, as práticas de leitura e escrita de histórias de vida de jovens negras, estudantes do ensino médio, se entrelaçam com a produção de narrativas poéticas escreviventes afro femininas, motivadas pelas oficinas desenvolvidas no Projeto Escolar Escrevivências Afro-Baianas, que vem sendo realizado no Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia, desde o ano de 2021, conforme já dito. Por meio da autoria jovem feminina, tal produção tem desvelado subjetividades, opressões, demarcam e valorizam suas identidades, em um movimento de reexistência, conforme ilustrado nos poemas abaixo, de autoria de três das participantes do referido projeto¹⁴:

Sou Negra
(Kailane de Jesus Boaventura)

Sou negra
e quero respeito,
igualdade e segurança.
Sou negra
e quero andar em qualquer lugar
sem a presença da desconfiança.
Sou negra
e quero ter oportunidade
igual a qualquer outro cidadão.
Sou negra
e não quero sofrer discriminação.
Sou negra
e quero falar
para que as negras venham me escutar.
Sou negra

¹⁴ Os poemas aqui compartilhados não serão analisados, exercício este que contemplará outros *corpora*, um pouco mais adiante nessa dissertação. Aparecem nesse momento do texto para ilustrar as afirmações aqui feitas.

e quero viver sem racismo e violência,
 e sem a opressão de quem está no poder.
 Sou negra
 e quero andar sem me preocupar
 com que roupa devo usar ou onde devo frequentar.
 Sou negra
 e quero lutar, assim como Dandara,
 Enedina Marques e Kamala Harris.
 Sou negra
 e quero não sofrer ataques,
 ofensas e ameaças.
 Sou negra
 e quero sentir orgulho da minha raça.
 Sou negra
 e quero, acima de tudo,
 um lugar seguro para descansar.
 Sou negra
 e quero acesso à educação,
 saúde e bem-estar.
 Sou negra
 e quero continuar
 sem que pessoas brancas tentem me silenciar.
 Sou negra
 e quero falar,
 pois sei o valor que a palavra negra carrega.
 Sou negra
 e quero ter orgulho de ser,
 pois sei que ser negra é se orgulhar.

Rosas

(Stephanie de Jesus Costa)

Mulheres negras são como rosas,
 amassadas por mãos sem melanina,
 motivadas por obsessão e orgulho,
 transformadas por ideologias,
 tendo como cortesia lágrimas caídas,
 causadas pelo sofrimento.

Mulheres negras são como rosas amassadas,
 tentando se renovar com a quebra de barreiras,
 causadas por um povo desumano e sujo,
 que impõem autoridades sem nenhum poder e razão.

Mulheres negras são rosas renovadas a cada luta
 e quebra de barreiras.
 Se agarram na esperança de viver um sonho
 sem ataques e preconceitos
 contra sua raça negra.

Mulheres negras são sonhadoras e esperançosas,
 de que a geração não vire rosas temerosas,
 que se conformam com o tratamento desse povo.

Meu cabelo

(Jayane Campos)

A sociedade critica o cabelo armado

Dizem que é melhor alisado
 Dizem que é feio
 Falam que não é perfeito

Por muito tempo eu não liguei
 Por muitos dias eu não falei
 Até que um dia eu me incomodei
 Disseram que cabelo é esse?
 Aí eu me estressei

Esse cabelo é minha essência
 Esse cabelo significa resistência

Herdei das minhas ancestrais
 Porém por serem forçadas
 Tiveram suas cabeças raspadas

Nossos cabelos são a nossa essência
 Nele carregamos nossas experiências
 Com os cabelos soltos me sinto empoderada
 Com os cabelos soltos me sinto libertada.

Podemos notar, dessa forma, como uma prática pedagógica potente para a escrita, a escrevivência busca visibilizar sobretudo a realidade social, racial e afetiva das jovens estudantes, explicitando denúncias, abusos, desejos e aspirações. É de bom tom mencionar, ainda aqui, que inicialmente não existia a intenção de restringir as atividades para estudantes negras (exclusivamente mulheres), chegando até mesmo a contar, nos primeiros encontros, com a participação de alguns estudantes homens. Mas, no decorrer do tempo, foi um fenômeno que acabou ocorrendo de forma natural.

Um segundo ponto, também de fundamental importância, foi a escolha por um acervo predominantemente, mas não com exclusividade, produzido por mulheres pretas em situação permanente de diáspora. Mas, preciso dizer que nem sempre foi assim. Houve, episódios e etapas com autores negros, como veremos um pouco mais adiante. Mas deixemos para comentar esse aspecto mais para frente e voltemos a refletir sobre a escrevivência como metodologia de pesquisa.

A noção de Escrevivência, se configura para Fernanda Felisberto (2020), no texto *A Escrevivência como rota acadêmica*, não apenas como um caráter literário, mas também como uma epistemologia e metodologia no campo acadêmico. A autora apresenta e concebe o termo como operador teórico para jovens estudantes negras no curso de graduação de Letras Português-Espanhol, Geografia e Pedagogia; o que nos faz pensar que a escrevivência não é apenas um método de escrita, mas também, um método de pesquisa. “[...] A despeito de uma miopia social e de uma blindagem em torno de um projeto uno de currículos e saberes, a cada dia um número maior de áreas das ciências humanas e sociais vem construindo novas práticas

docentes [...]” (Felisberto, 2020, p. 169). Neste sentido, lança um convite a repensar a forma como se pode conduzir uma pesquisa e como os conhecimentos são produzidos no Brasil, sobretudo a partir das intelectuais negras. O que nos conduz a refletir, que apesar das dificuldades, novas práticas estão surgindo, como pontua a autora.

A proposta da noção de escrevivência neste estudo, transpõe a dimensão da escrita autobiográfica, ao se configurar neste estudo como um “método de investigação, de produção de conhecimento e de posicionalidade” (Soares; Machado, 2017, p. 206) de jovens negras, cujas experiências e vivências transitam por diversos desafios de enfrentamento e de superação do racismo. Ao denunciarem a invisibilidade de seus corpos dissidentes, suas escrevivências poéticas, impregnadas de sentidos, subvertem rígidas narrativas hegemônicas, as quais foram/ são submetidas, descortinando espaço para “[...] a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido” (Evaristo, 2005, p. 6).

Enfim, quando faço a opção, que se configurará sempre como política por compartilhar meus caminhos de vida e de formação e eleger como corpora de pesquisa poemas produzidos pelas participantes do projeto, confirmo o compromisso na concretização de uma investigação de cunho escrevivente.

4.1 A GÊNESE DA PESQUISA: O CONTEXTO E O PROJETO

O Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia (CEEBC) está situado no bairro de Cajazeiras IV, em Salvador, sendo reconhecido como uma instituição de grande porte que, desde sua fundação em 13 de junho de 1979 atende 1300 estudantes da comunidade de Cajazeiras, Castelo Branco, Águas Claras e bairros circunvizinhos. O corpo discente é composto majoritariamente por estudantes negros e negras que buscam, na escola, a oportunidade de cursar o Novo Ensino Médio, o Ensino, Técnico integrado, Educação Integral e a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Amplamente conhecido pela comunidade, o CEEBC se destaca por desenvolver um Projeto Político Pedagógico comprometido com a valorização da diversidade e com a implementação de práticas pedagógicas inclusivas e inovadoras. Popularmente chamado de “Edvaldo Brandão”, o colégio possui uma trajetória marcada pela formação de diversas gerações de estudantes, muitos dos quais hoje matriculam seus filhos e filhas na instituição. Tal continuidade evidencia o vínculo afetivo e a credibilidade construída ao longo dos anos, fruto do comprometimento do corpo docente em aprimorar continuamente suas metodologias de ensino e em fortalecer o papel social e educativo da escola.

Figura 5 – Área de convivência do CEEBC



Fonte: <https://www.facebook.com/colégioedvaldobrandaoocorreia/>

É nesse cenário e dando continuidade a esse legado, que surge o Projeto Escrevivências Afro-baianas: tessituras negras do CEEBC, a partir dos componentes curriculares de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, durante as aulas *online* no período da pandemia da COVID-19. Momento em que as/os estudantes, intensificaram suas práticas de escrita trazendo para as aulas diversas produções textuais e desenhos para compartilhar com a professora e as/os colegas.

Nesse contexto, com o apoio dos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do Governo Federal, vinculados à Universidade Católica do Salvador (UCSAL), desenvolvemos diversas atividades pedagógicas, voltadas para o fortalecimento das habilidades linguísticas e expressivas das (os) estudantes, com destaques para: I) o sarau virtual Sábado poético do Torto Arado; II) o minicurso englishversificar e o III) Edvaldo Brandão entra na roda do Julho das Pretas I e II com recitais. Conforme revelam as figuras 6 a 8, a seguir:

Figura 6 - Card de divulgação do Sarau Virtual em 12 de junho de 2021



Fonte: Instagram, perfil lerversificarpibid

Figura 7 - Card de divulgação do minicurso Englishversificar



Fonte: Instagram, perfil: lerversificarpibid

Em decorrência dos bons resultados apresentados nas atividades citadas, o estudante de letras vernáculas e bolsista PIBID Victor Gabriel Almeida Vieira, idealizou e estruturou uma proposta pedagógica, intitulada Expressão Edvaldense e veiculada no perfil do Instagram

Lerversificarpibid com o intuito de divulgar as produções e de incentivar outros/as colegas a desenvolver e a publicar suas obras.

Figura 8 – Projeto Expressão Edvaldense



Fonte: Instagram, perfil: lerversificarpibid

Nesta esteira, cabe salientar que entre os projetos desenvolvidos no ensino remoto durante a pandemia da Covid-19, surgiu o embrião do Projeto Escrevivências Afro-Baianas: tessituras negras do CEEBC. Momento no qual as professoras da área de linguagens: Jucy Silva, Liliane Vasconcelos e Hilma Cerqueira, identificaram o potencial de escrita dos estudantes e elaboraram uma proposta para estimular a leitura e a escrita dos jovens escritores, elegendo, para esse fim, o legado literário de homens e mulheres negras em situação de diáspora e tendo como viga mestra do projeto, a noção evaristiana de Escrevivências. Motivadas por essa experiência inicial, em 2021, em parceria com a coordenadora pedagógica Luciene Reis, criamos um projeto de incentivo à leitura e à escrita, submetendo-o ao Edital nº 11/2011-Concurso Público - Prêmio Jorge Conceição promovido pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia e pela Secretaria de Promoção da igualdade racial e dos povos e comunidades tradicionais.

No que diz respeito à metodologia adotada, o projeto escolar estabeleceu como um de seus eixos centrais a leitura de obras literárias, destacando-se o livro Olhos D'água (Evaristo, 2014). A experiência literária proposta, não se restringiu ao exercício estético, mas incorporou, também, dimensões identitárias e políticas da/na escrita. Como resultado desse processo, foi publicado, em 2023, o primeiro livro homônimo ao projeto (Figura 9), reunindo textos de 22 estudantes do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia (CEEBC).

Figura 9 – Capa do livro *Escrevivências Afro-Baianas* - volume 1



Fonte: Instagram, perfil: escrevivenciasafrobaianas

Esta fase inicial foi marcada por experiências que incluíram atividades pedagógicas no colégio, tais como: roda de leitura do livro *Olhos D'água* (Evaristo 2014), mediadas pelas professoras Liliane Vasconcelos e Hilma Cerqueira, encontros com as autoras: Bruna Cupertino, Lorena Ribeiro e Carla Brito, oficinas de encadernação afrocentrada, ministrada por mim, e a oficina de Contos Negros ministrada pela professora Hildália Fernandes, além da palestra “Por que o Brasil precisa de Cotas”? - organizada pelo Instituto Steve Biko (2022) e ministrada pelo presidente de honra do Instituto Sílvio Humberto dos Passos Cunha. As Figuras 10 a 15, ilustram estas atividades:

Figuras 10 e 11 – Roda de leitura do livro *Olhos d'água*



Fonte: Instagram, perfil: escrevivenciasafrobaianas

Figuras 12 e 13 – Encontro com a autora Carla Brito



Fonte: Instagram, perfil: escrevivenciasafrobaianas

Figuras 14 e 15 – Oficina de Encadernação



Fonte: Instagram, perfil: escrevivenciasafrobaianas

Cabe destacar, ainda neste contexto, as atividades culturais como: visita à exposição ‘O Universo da Mobgrafia’ (a arte de fotografar com dispositivos móveis), assinada pelo fotógrafo baiano Roberto Faria e organizada pela Caixa Cultural Salvador (2022); a ida ao cinema Glauber Rocha para assistir os filmes Pantera Negra: Wakanda para Sempre (2022) e A mulher rei (2022). Além da participação na mesa ‘O livro, a leitura e as crias’, durante a Feira Literária Internacional – a FLIN em (2020) e na Feira Literária do Pelourinho –FLIPELÔ, em duas edições: 2023 e 2024. As figuras (16 a 23) ilustram estas atividades.

Figuras 16 e 17 – Visita à exposição O Universo da Mobgrafia



Fonte: Instagram, perfil: escrevivenciasafrobaianas

Figura 18 – Ida ao cinema Glauber Rocha



Fonte: Instagram, perfil: escrevivenciasafrobaianas

Figuras 19 e 20 – Flipelô 2022



Fonte: Instagram, perfil: escrevivenciasafrobaianas

Figuras 21 e 22 – Flipelô 2023



Fonte: Instagram, perfil: escrevivenciasafrobaianas

As jovens integrantes do projeto, participaram também da Festa Literária Arte e Identidade e a FLICAJ (Festa Literária Internacional de Cajazeiras) em 2024 e 2025. Ocasão em que compartilharam os seus poemas, recitando e dialogando com o público. Vale lembrar que todas as atividades propostas eram abertas para outros/as estudantes que não participavam diretamente do projeto.

Figura 23 – Flipelô 2024



Fonte: Instagram, perfil: [escrevivenciasafrobaianas](#)

Estas experiências se constituem para muitas/os jovens, como uma ‘oportunidade singular’, uma vez que restritas/os à convivência em suas comunidades, tem a oportunidade de vivenciarem pela primeira vez estes ambientes, acesso aos equipamentos e bens culturais. Nesta perspectiva, participar destas ações é ter o ‘direito a cidade’, ocupar espaços, até então distantes e quiçá, não imagináveis de conhecer pessoalmente. Uma dinâmica educativa cultural que reverbera em seus processos de pertencimento e empoderamento, posto que as participantes, respeitando cada uma o seu tempo, se identificam, interagem e compartilham com um público externo à escola, suas produções de escrita.

Em um destes momentos externos, uma estudante utilizou o palco para denunciar pela primeira vez através do seu poema, uma situação de importunação sexual vivenciada em um ônibus na capital baiana. Nesse contexto, a escrita assume um papel formativo e terapêutico sendo utilizada como estratégia de enfrentamento, desabafo e superação do episódio vivido. O que evidencia o projeto também como lugar seguro e de acolhimento.

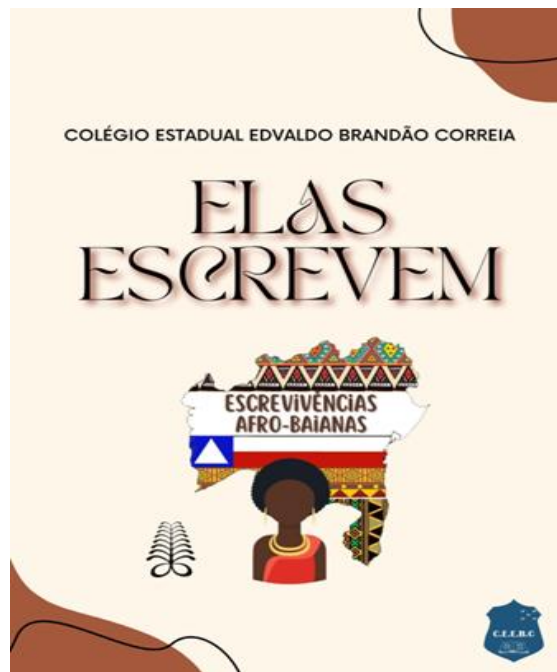
É importante salientar que essas atividades proporcionaram um aumento do repertório cultural das/dos estudantes, o fortalecimento de vínculos, momentos nos quais as jovens passaram a compartilhar ideias, emoções e seus textos autorais. Em 2022 realizamos um recital poético e nos dois anos subsequentes, o Sarau Elas Escrevem, evento nos quais, as jovens apresentaram seus poemas, performando seus textos com sentimentos, identidade e pertencimento. O que evidenciou um resultado positivo, fruto gerado por todo esse percurso e que se inicia a partir da inquietação sobre a produção textual feminina e chega aos *corpora* deste estudo, na produção textual de quatro jovens negras.

Figura 24 – Capa do Fanzine 2023



Fonte: Instagram, perfil: escrevivenciasafrobaianas

Figura 25 – Capa do e-book Elas escrevem 2023



Fonte: Instagram, perfil: escrevivenciasafrobaianas

É importante mencionar, que para a análise proposta no âmbito deste estudo, tornou-se necessário estabelecer critérios, para a escolha dos textos poéticos das jovens negras que fariam parte desta dissertação. São estudantes do Novo Ensino Médio da Rede Estadual do Estado da Bahia, moradoras do bairro de Cajazeiras, Castelo Branco e adjacências, como prática de

autoafirmação e empoderamento no ambiente escolar através do Projeto Escrevivências afro-baianas.

Inicialmente foi adotado o critério referente à autodeclaração racial, assegurando que as jovens selecionadas se reconheçam como negras ou pardas. A autodeclaração é de suma importância para que as jovens possam se reconhecer e garantir equidade. Para validar esse critério, foi aplicado um formulário *online* disponibilizado para a inscrição no projeto. O segundo critério utilizado foi a produção escrita ao longo do processo, destacando as estudantes que tiveram participação ativa e interação nas atividades propostas participando dos debates dentro e fora do colégio e com uma certa regularidade no envio dos textos, valorizando todo o processo formativo e constituindo saberes coletivos. Outrossim, os textos selecionados para análises, foram os que apresentaram traços mais marcantes de empoderamento e autoafirmação.

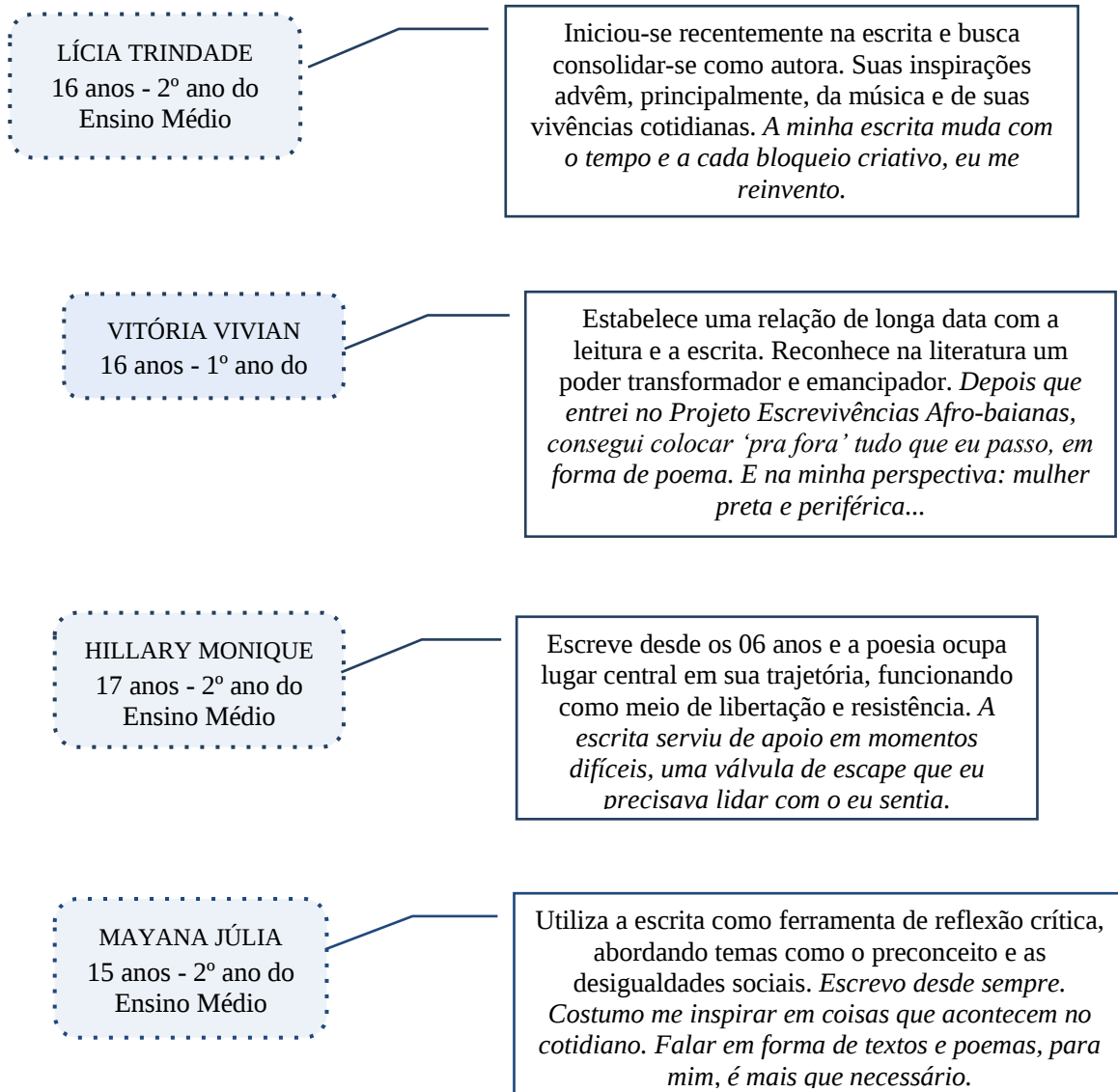
4.1.1 A colheita dos dados e as jovens escrevintes

A pesquisa tem como *corpora* o livro Escrevivências com textos de vinte e duas jovens escritoras, que produziram ao menos dois poemas cada, baseadas em suas experiências no projeto. As produções dessas jovens autoras revelam uma escrita escrevinte, destacando subjetividades e narrativas marcadas por questões de identidade, gênero e pertencimento racial. Impulsionada por meu compromisso com a promoção da equidade de gênero e com as discussões do movimento de mulheres negras, analiso a escrita e a autoria dessas jovens com base no conceito de escrevivências, de Conceição Evaristo (2017).

A metodologia qualitativa incluiu a análise interpretativa de textos literários criados no ambiente escolar. A seleção dos textos analisados foi intencional, priorizando estudantes autodeclaradas negras e participantes ativas do projeto, conforme já salientado. O objetivo foi entender como a escrita das participantes manifesta vivências coletivas e individuais, consolidando a autoria, a identidade e a resistência no âmbito da escrevivência. Neste contexto, quatro jovens do gênero feminino, com idades entre 14 e 17 anos¹⁵, participam deste estudo, tendo as suas escritas poéticas, como um espaço de expressão subjetiva, construção de identidade e resistência.

¹⁵ As idades das jovens poetas negras escrevintes, se referem ao período de escrita dos poemas analisados.

4.1.2 Conhecendo as jovens escrevintes¹⁶



As quatro participantes compartilham o interesse pela escrita literária e pela leitura como formas de construção de sentidos e de fortalecimento da identidade. Suas trajetórias revelam a potência da palavra como espaço de autonomia e autoria, dialogando com os pressupostos teóricos das escrevivências.

¹⁶ As informações sobre as jovens negras participantes foram extraídas do primeiro livro homônimo ao projeto - **Escrevivências afro-baianas**. Salvador: DiKebrada, 2023.

5 ANALISANDO AS ESCRIVIVÊNCIAS POÉTICAS DE JOVENS NEGRAS

*Minha pele é história
Traz memórias de luta e guerra
Em busca de glória
Essa dor que jamais será esquecida
Trago em minha pele o valor da vida
Legado de uma nação excluída.
(Cerqueira, 2023)*

Desejo iniciar essa importante etapa da análise dos *corpora*, anunciando a escolha da escrevivência, para além do método de pesquisa desta dissertação, ser, também, o método de análise do *poemário* escolhido para este estudo, em paralelo com as contribuições da crítica feminista negra. Tal posição se configura como uma decisão política e que busca assegurar coerência nas escolhas feitas desde o momento da elaboração e execução do projeto *Escrevivências Afro-Baianas*, sobretudo de ordem política.

As palavras introdutórias desta seção, é para dar a conhecer, principalmente, as condições de produção dos poemas que serão analisados, além de compartilhar os próximos passos, e explicitar a seleção feita para tal etapa. É momento, ainda, de apresentar por quais caminhos as análises ocorrerão.

Assim, a título de exemplo, procuro esboçar uma primeira tentativa de compartilhamento sobre a forma de análise escolhida, levando em conta as provocações da teórica Barbara Christian (2002, p. 95) quando interroga: “Para quem fazemos o que fazemos quando fazemos crítica literária?”. Em busca de respostas genuínas e satisfatórias para tal provocação, nós, mulheres negras, nos comprometemos em produzir ciência de um outro lugar, de nos debruçarmos sobre o legado produzido por nossas irmãs, com lentes mais apropriadas e pertinentes, posto que temos a experiência em comum de sermos mulheres e negras. É desse lugar que essas mulheres (estando eu inclusa), minhas irmãs, em diáspora, pensam, desenvolvem e defendem suas/nossas teorias.

Recorro, novamente, à mais velha acima citada para melhor defender e apresentar tais ideias. Diz Christian (2002) sobre o assunto:

Eu e muitas de minhas irmãs não vemos o mundo de forma tão simples. E talvez seja por isso que não nos apressamos na criação de teorias abstratas. Sabemos que existem inúmeras mulheres de cor, tanto na América quanto no restante do mundo, a quem nossas ideias singulares se aplicariam. *Portanto, temos certa prudência quanto a pronunciar uma teoria feminista negra que poderia ser vista como uma afirmação decisiva sobre mulheres do Terceiro Mundo.* Isso não quer dizer que não estejamos teorizando. Nossa literatura certamente é uma indicação da forma pela qual nossas

teorizações são necessariamente baseadas na multiplicidade de nossas experiências (Christian, 2002, p. 94, grifo nosso).

Notamos, dessa forma, que há cuidado, tato, responsabilidade quando optamos pelo respaldo em epistemologias feministas negras (Collins, 2019), em teorizar a partir da nossa experiência, em um mundo cada vez mais antinegro. A produção aqui compartilhada e produzida pela geração que nos antecede, confirma os pontos até então levantados e exige de nós, procedimentos outros de análise e no trato com o material recebido/ofertado com tanta confiança a partir de lugares seguros¹⁷ (Collins, 2019) por nós erguidos e sustentados, a exemplo dos encontros do projeto Escrevivências Afro-baianas.

E segue Barbara Christian (1985, p. 9-10 *apud* Silva¹⁸, 2019, p. 85), em outro texto, nos provocando a partir de suas reflexões, nos ajudando e nos incitando a sairmos de lugares de conforto (se é que eles existem mesmo para nós – mulheres negras) pelo menos acadêmicos:

O que é uma crítica literária, uma mulher negra crítica, uma negra feminista crítica literária, uma negra feminista crítica literária social? Os adjetivos acumulam-se, definindo, qualificando a atividade... O quê essas categorias dizem sobre o meu método? É possível teorizar efetivamente sobre um processo em movimento? Quais são as pressuposições filosóficas que sustentam minha *práxis*? Reflito sobre como a articulação de uma teoria é um ponto de encontro, por vezes um espaço para descansar conforme o processo acelera e urge para que você o siga. (Christian, 1985, p. 9-10 *apud* Silva, 2019, p. 85, grifo nosso).

Diante disso resta-nos, com toda ética e zelo, mergulhar na produção das participantes e a partir das teorias de mulheres pretas, que vem sendo produzidas já há algum tempo, buscar entender as demandas apresentadas, que gritam em cada verso e estrofe e ler a partir desse acervo que vem sendo solidificado ao longo das últimas décadas. Repito, para que não reste dúvidas, trata-se de um posicionamento conscientemente político: o de escolher e operacionalizar um referencial teórico-metodológico negrorreferenciado. Para além de estimular a formação leitora das jovens participantes do projeto, em obras que muito dialogam com suas vivências e experiências, o investimento tem sido, no Projeto Escrevivências afro-baianas, sobretudo, em exercícios de autoria preta.

Nesse contexto, hooks (2013) se revela como embasamento fundamental para as

¹⁷ Locais nos quais as pessoas concebidas como marginalizadas podem se expressar e se reunir livremente, sem medo de assédio ou julgamento. Para a autora, esses espaços são cruciais para a resistência, a organização social e a preservação da identidade, como visto em estudos sobre a mulher negra e coletivos de vítimas. Espaços, concomitantemente, de resistência e construção de afetos, segurança e conforto.

¹⁸ Esse trecho comparece e funciona como epígrafe do capítulo 2, intitulado “Para uma poética negra feminista: a questão da negritude para o (fim do mundo)”, parte integrante da obra de Denise Ferreira da Silva (2024), *A dívida impagável*. Com isso, atribuo a responsabilidade de tradução do original à mencionada autora.

análises realizadas, sobretudo quando desenvolve a noção de autorrecuperação (hooks, 2019; 2023), traço marcadamente presente no poemário escolhido. No capítulo “Teoria como prática libertadora”, parte integrante da obra *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, a autora desenha um caminho promissor para pensar a possibilidade de a teoria contribuir para e em nossos processos de cura. Para ela, se faz necessário localizar, nomear a dor para fazê-la ir embora, posto que é preciso “mover-se além da dor¹⁹”. Ressalta, ainda, que a teoria por si só não provoca ou promove a cura, mas para que isso aconteça é preciso usá-la com tal finalidade.

Quando nossa experiência vivida da teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação, de libertação coletiva, não existe brecha entre a teoria e a prática. Com efeito, o que essa experiência mais evidencia é o elo entre as duas – um processo que, em última análise, é recíproco, onde uma capacita a outra. A teoria não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária. Só cumpre essa função quando lhe pedimos que o faça e dirigimos nossa teorização para esse fim [...] (hooks, 2013, p. 85).

O que notamos, sem maiores dificuldades, é o acúmulo de opressões sofridas pelos corpos das jovens negras (alvo histórico preferencial do racismo e seus derivados) participantes do projeto e que pode ser acessado, lido e compreendido a partir das lentes da interseccionalidade. Noção proposta por Kimberlé Crenshaw (1989) e difundida aqui, em solo brasileiro, a partir de Carla Akotirene (2018). Mas, em paralelo, é possível vislumbrar, também, uma produção literária, dessa geração mais nova e que nos antecede, que tem nos servido, principalmente como lenitivo, unguento e possibilidade de simbolização dos traumas vividos a partir dos episódios de racismo cotidiano, como nomeia Kilomba (2019). Conforme já salientado, essa característica dual é facilmente notada no poemário escolhido para análise.

E é, novamente, Barbara Christian (2002, p. 95) quem nos ajuda a entender sobre os processos aqui compartilhados:

Só posso falar por mim mesma. Mas o que escrevo e a forma como escrevo é algo que faço para salvar minha própria vida. E digo isso no sentido literal. Para mim, a literatura é uma forma de ter certeza de que não estou alucinando, que o que quer que eu sinta ou saiba é. É uma afirmação da sensualidade como inteligência, de que a linguagem sensual é linguagem que faz sentido. Minha resposta, então, é dirigida àquelas/es que escrevem o que eu leio e àquelas/es que lêem o que eu leio, mais objetivamente à Toni Morrison e às pessoas que lêem Toni Morrison (entre as quais eu contaria alguns poucos acadêmicos). Esse número está crescendo, assim como cresce o número de leitoras de Alice Walker e de Paula Marshall. [...]. (Christian, 2002, p. 94, grifo nosso).

¹⁹ Ensaio produzido para funcionar como crítica ao álbum visual de Beyoncé (2006) - Lemonade. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mover-se-alem-da-dor-bell-hooks/> Acesso em: 31 out. 2025.

Em consonância com o conteúdo acima explicitado, podemos recuperar e reproduzir, um trecho do ensaio epistolar²⁰ produzido por Gloria Anzaldúa (2000) e destinado às escritoras do “Terceiro Mundo”, em especial no trecho no qual ela interroga e responde:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. *Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também.* Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. *No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você.* Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever (Anzaldúa [1980] 2000, p. 232, grifo nosso).

A modalidade de análise, respaldada sobretudo na crítica feminista negra e na escrevivência, tem como lastro, a produção teórica negrorreferenciada de nossas irmãs, mulheres negras, que vem fazendo o investimento de produzir um legado destinado a ler e teorizar sobre a produção das nossas *sistah*, espalhadas e reunidas pelas águas turbulentas da diáspora (Fernandes, 2023)²¹ de forma mais satisfatória e pertinente. Destarte, realizar as análises a partir de tais bases e parâmetros é privilegiar, de forma inegociável, teorias produzidas por mulheres negras e assim me posiciono nessa investigação, senão de forma exclusiva, pelo menos de forma predominante, para que fique explícito para o leitor de que lugar realizarei tal exercício e a partir de quais respaldos teóricos.

Cabe salientar que os poemas analisados foram produzidos a partir de rodas de leitura de obras de autoras e autores negras/os, inicialmente, selecionadas pelas professoras, com a finalidade de estabelecer um ponto de partida comum e oferecer um primeiro repertório temático para o grupo.

A escolha das obras para as rodas de leitura foi sempre dialógica, priorizando a sugestão das/dos estudantes, seus interesses e gostos. Uma estratégia de incentivo à autonomia leitora e

²⁰ ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Rev. Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 08, n. 01, p. 229-236, 2000. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v08n01/v08n01a17.pdf>. Acesso em: 31 out. 2025.

²¹ Ideia apresentada e defendida na tese *Literatura Abêbê: abordagem teórico-crítica e metodológica negrorreferenciada das obras O olho mais azul e Deus ajude essa criança*, de Toni Morrison, por Hildália Fernandes e que aqui tomo de empréstimo. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/37963>. Acesso em: 06 nov. 2025.

de estímulo ao protagonismo estudantil, uma vez que puderam selecionar livros com os quais sentissem maior afinidade e identificação.

Nesse movimento, após a apresentação de outros títulos escritos por homens e mulheres negras da literatura contemporânea, as/os participantes optaram, de forma unânime, pela leitura do livro de memórias, *Na Minha Pele* (Ramos, 2017). Acredito que essa escolha decorreu da identificação geracional com o autor, por sua atuação multiartística e sua visibilidade social. Elementos que favoreceram maior aproximação dos jovens com a leitura e fortaleceram o vínculo entre literatura, autoria negra e experiência juvenil.

A partir da indicação e leitura da mencionada obra, as/os estudantes do projeto puderam refletir sobre temas como identidade, racismo e pertencimento, a partir das experiências narradas pelo autor – Lázaro Ramos. Durante a roda, foram lidos e comentados trechos que despertaram emoções e memórias pessoais, promovendo um diálogo profundo sobre o que significa viver e se reconhecer em sua própria pele, ou seja, exercícios estimulados pela escrevivência. Intensos diálogos entre o vivido pelo autor e registrado no livro e aproximações com as experiências dos/as educandos/as. O colorismo²² (Walker, [1982] 2021) foi igualmente contemplado, também, no que diz respeito às temáticas abordadas.

Ao final do encontro, as/os estudantes levaram o livro para casa, com o propósito de dar continuidade a leitura e ampliar as discussões iniciadas, fortalecendo o vínculo com a literatura e com suas próprias histórias e a solicitação de uma produção sobre a experiência realizada. Faz-se necessário destacar que não foi exigido o gênero poesia, mas este acabou se configurando como forma de expressão preferida durante as solicitações de produção literária. O que confirma a declaração de Audre Lorde (2019, p. 46) quando diz que “[...] a poesia não é luxo, é destilação reveladora da experiência”. Para nós, pessoas negras, a poesia tem se configurado como necessidade e tentativa de simbolizar e nomear as sucessivas experiências, quase sempre limítrofes durante as nossas jornadas existenciais, nunca com luxo.

Os impactos causados pela recepção da obra foram nítidos. Tais atividades geraram reverberações profícuas, traçadas por um caminho desenhado com cuidado e zelo e, sobretudo com continuidade, acabaram por imprimir marcas de amadurecimento. E de forma inevitável, visualizações e acompanhamentos de processos de empoderamento e emancipação, rumo ao tornar-se o que se é – no caso das participantes do projeto: meninas se tornando mulheres

²² Noção cunhada e desenvolvida por Alice Walker no ensaio intitulado de “Se o presente se parece com o passado, como será que o futuro se parece?”, parte integrante da obra *Em busca dos jardins de nossas mães*. Escrito em e publicado no Brasil somente em 2021, aborda temas como a pigmentocracia e o acesso a privilégios a partir da tonalidade da pele. A autora busca ressaltar, ainda, o perigo que é adotar tais ideologias, que acabam reforçando a lógica do dividir para dominar, presente desde o sequestro do nosso povo pelos colonizadores.

negras, foram notadas, pois trata-se da conquista desse lugar e condição.

Nesta perspectiva, seremos apresentadas/os a quatro poemas, inspirados a partir da leitura das obras mencionadas. Começemos por Lázaro Ramos. O conteúdo compartilhado pelo autor reverbera fortemente em algumas produções, a exemplo dos poemas produzidos e analisados. São escritas que nos animam a seguir com o projeto, por notarmos, sem maiores dificuldades os seus impactos e desdobramentos. Neste sentido, tanto a etapa final do projeto conta com delineamento no caminho natural do processo exclusivamente com adolescentes negras, como o acervo trabalhado, acaba tendo predominância da produção literária de mulher negra.

Retomando as especificidades do Projeto *Escrevivências afro-baianas*, notamos o investimento que as participantes fazem em se debruçarem sobre a leitura de acervos negros, fornecendo contribuições, alargando tal legado com a produção escrita, realizada por elas. Em um espaço de uma escola pública de periferia, local cada vez mais noticiado como sucateado em dimensões múltiplas. O projeto tem demonstrado que investimentos na área da leitura crítica negrorreferenciada, bem como exercícios de autoria negra, nos quais processos de identidade e pertencimento e autovalorização racial se apresentam como respostas e resultados, se revelam como fundamentais, principalmente em processos de construção de identidade e pertencimento e autoafirmação.

Até o momento três são as publicações que reúnem parte da produção literária das participantes do projeto, a saber: I) *Escrevivência afro-baianas*, publicado em 2023; II) *Escrevivência afro-baianas – livro 2* (no prelo) e III) *Elas escrevem (e-book)*, a ser publicado. Somando os três *poemários*, conseguimos chegar a mais de cinquenta poemas.

Acessemos então o primeiro dos quatro poemas escolhidos para apresentar, nessa etapa da investigação, e as respectivas análises:

Minha Pele

(Mayana Júlia da Silva Bacelar)

*Em minha pele está a minha luta,
ela mostra um pouco da minha conduta,
Na minha pele é mostrado todo o meu sofrimento,
Mas também todo meu renascimento.*

*A minha pele é um povo
Que sofreu e se reergueu,
Que morreu e nasceu, de novo,
Para que essa minha geração possa mostrar
Toda luta que um dia passamos.*

*Um dia choramos
Um dia lutamos pelo mínimo que a sociedade tinha que aceitar
A minha pele é de pura resistência
Nesse mundo caótico que tivemos que um dia aguentar,
em pura obediência.*

*Minha pele mostra onde queremos chegar,
Em um mundo igualitário.
Aquele que não precisa de honorário
Aquele mundo que é igual, mesmo sendo diferente
Minha pele sou eu e vários unidos por um só objetivo.*

Pele, pertencimento, orgulho e autoamor podem ser pensados como palavras-chave para a análise, do poema acima. Há ambiguidade no poema, mas isso se deve, também, pelo fato de existir ambiguidade em processos de construção identitária que são processos longos, construídos durante toda a existência. Levemos em consideração as especificidades históricas da existência de um corpo negro através dos tempos, a imposição de um padrão de beleza e humanidade pautados na branquidade e na brancura, a negatização das nossas existências, dentre outras.

Nesse exato momento, quando busco destacar os desafios encontrados pela pessoa negra durante toda a sua jornada existencial e os complexos processos de construção de identidade e pertencimento étnico-racial recordo de um poema clássico de Luiz Silva - Cuti (2007, p. 53-54) intitulado de “Quebranto” que também apresenta tal característica e que busca compartilhar, exatamente, essa dualidade existente nessa condição de pessoa negra no mundo. Assim, denuncia a força do preconceito velado, o qual pode explodir e em qualquer ambiente. Diz ele sobre o assunto:

Quebranto²³
(CUTI)

às vezes sou o policial que me suspeito
me peço documentos
e mesmo de posse deles
me prendo
e me dou porrada

às vezes sou o porteiro
não me deixando entrar em mim mesmo
a não ser
pela porta de serviço
às vezes sou o meu próprio delito
o corpo de jurados
a punição que vem com o veredicto

às vezes sou o amor que me viro o rosto

²³ CUTI. **Negroesia**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

o quebranto
 o encosto
 a solidão primitiva
 que me envolvo no vazio

às vezes as migalhas do que sonhei e não comi
 outras o bem-te-vi com olhos vidrados
 trinando tristezas

um dia fui abolição que me lancei de supetão no
 espanto
 depois um imperador deposto
 a república de conchavos no coração
 e em seguida uma constituição
 que me promulgo a cada instante

também a violência dum impulso
 que me ponho do avesso
 com acessos de cal e gesso
 chego a ser

às vezes faço questão de não me ver
 e entupido com a visão deles
 me sinto a miséria concebida como um eterno
 começo

fecho-me o cerco
 sendo o gesto que me nego
 a pinga que me bebo e me embebedo
 o dedo que me aponto
 e denuncio
 o ponto em que me entrego.

às vezes!...

Avanços, recuos, padecimentos, paralisações e andar em círculos para tentar avançar. Enfim, algumas das etapas pertencentes aos processos de construção identitária, intensificado pela condição de negro, em um mundo que atribui, historicamente, a nós, tudo que existe de negativo e atualiza tal repertório, alimentando imaginários nefastos e que muitas vezes acabam sendo internalizados e que tantos adoecimentos, principalmente psíquicos, nos provocam.

Cuti (2010) antecede Mayana Júlia (2023) em pelo menos duas gerações na literatura negro-brasileira. Autor que participou de todos os volumes do *Cadernos Negros*²⁴ iniciativa essa que caminha para meio século de existência. Se no poema Quebranto, os recuos são frequentes, quando voltamos ao poema de Mayana podemos notar a luta como conduta. Há sofrimento, inevitavelmente, mas há, também, renascimento. A escrevivência como escrita de nós comparece de forma indelével, principalmente nos versos: “[...] A minha pele é um povo

²⁴ Iniciativa começada em 1978 pelo Grupo Quilombhoje, projeto coletivo cultural e uma editora de São Paulo, que alterna os gêneros conto e poesia através dos anos.

que sofreu e se reergueu, [...]”. Ela não fala somente de si, por isso não pode ser considerada como uma escrita narcísica, em conformidade com o que apregoa Evaristo (2020):

Afirmo que a Escrivência *não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso*. A Escrivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá (Evaristo, 2020, p. 38, grifo nosso).

Em suas palavras, a autora agrega e conclama todo o seu povo para as re-feituras sem conta, diárias, resultado dos episódios de racismo e seus derivados, que conforme salienta Kilomba (2019), costumam ser diários e por isso se morre e nasce de novo. A história é lembrada para não ser esquecida, apagada. Séculos de opressão e violências diversas. É a pele que carrega toda essa história, uma pele que “[...] é pura resistência”, não comporta mais a obediência imposta outrora, literalmente a ferro e fogo, pois faz-se necessário lembrar que “onde houve escravidão, houve resistência” (Reis; Gomes, 2006, p. 9).

É a pele que Mayana apresenta no poema, oriunda da leitura das memórias e das histórias de Lázaro Ramos e muito influenciada por elas que mostrará onde se deseja chegar. Talvez pela falta do conhecimento sobre a noção de equidade, propõe igualdade, o que continuará promovendo mais desigualdade, posto que a história, sobretudo da colonização/escravização se encarregou de nos impedir de alcançar e ocupar alguns muitos lugares, principalmente aqueles que envolve e implica em poder.

A ideia de um EU que engloba, inevitavelmente, um NÓS, de forma inefável, volta a aparecer no último verso quando Mayana afirma: “Minha pele sou eu e vários unidos por um só objetivo” (p. 52), o que acaba confirmando a declaração de nossa decana, Conceição Evaristo (2020, p. 38):

[...] Escrivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas *atravessado por grupos, por uma coletividade* [...]. (Evaristo, 2020, p. 38, grifo nosso).

A noção de dupla consciência²⁵ proposta por Du Bois ([1903] 2021) também se faz presente, tanto no poema de Mayana, aqui analisado, quanto no poema de Cuti (2007), trazido

²⁵ Noção pela qual se entende que o negro está submetido a uma consciência cindida, vivendo o dilema definido por “uma sensação peculiar, essa consciência dual, essa experiência de sempre enxergar a si mesmo pelos olhos dos outros, de medir a própria alma pela régua de um mundo que se diverte ao encará-lo com desprezo e pena” (Du Bois, 2021, p. 23).

para propor uma salutar intertextualidade.

Inevitável, ainda, é não pensar no poema de *Ele Semog* (2024), “Ponto Histórico” e abaixo reproduzido. Sendo a pele o condutor por onde passa o pertencimento, o orgulho, o conclave ininterrupto, a luta, é a condição de negro no mundo que torna essa experiência única, mesmo que saibamos que somos diversos. Diz ele:

Ponto histórico
(Ele Semog)

Não é que eu seja racista...
Mas existem certas coisas
que só os NEGROS
entendem.
Existe um tipo de amor
que só os NEGROS
possuem,
existe uma marca no
peito
que só nos NEGROS
se vê,
existe um sol
cansativo
que só os NEGROS
resistem.
Não é que eu
seja racista,
mas existe uma
História
que só os NEGROS
sabem contar
... que poucos podem
entender.

Enfim, notamos que a experiência do corpo negro, em um mundo antinegro é única, assustadora e intransferível (para nossa sorte ou nosso azar) e, assim sendo, somente os negros sabem contar e estão autorizados a fazê-lo.

Caminheemos agora, então, para conhecer a produção de outra poeta, participante do projeto, Vitória Vivian Silva Barros, que compartilha, também, as reverberações da leitura do livro de Lázaro Ramos, *Na minha pele* (2017), e nos oferta em forma de poema:

Minha pele
(Vitória Vivian Silva Barros)

Minha pele não é feia
Ela é resistência, ela é transparência
de tudo que sofri, de tudo que passei
e ainda estou aqui

Lutando e gritando

contra o seu ódio hostil
que mata meu povo, se achando o “barril”
Aí, seu moço, eu já te digo com todo gozo
continuaremos lutando e conquistando,
mesmo com a opressão do seu povo insano

Trago na ancestralidade uma grande bagagem,
e não deixarei que a sua abordagem
tire de mim o foco de ser feliz

A pele que foi retraída, reinará,
Às vezes eu me canso de resiliência
e sinto que é hora de gritar.

Não importa o que aconteça, eu não irei parar,
junto com os meus irmãos de raça, nós iremos alcançar,
e olha...
fecha mesmo as janelas,
pois é pela porta da frente que vamos entrar!

O poema apresentado acaba comprovando que a leitura de uma obra de literatura negra, por esse mesmo público, provoca reverberações quase sempre ruidosas, profundas e no mais das vezes, prolongadas em nosso íntimo. Ainda que saibamos que há um trabalho contínuo já há alguns anos com o segmento aqui apresentado, percebemos, facilmente, os ganhos que tal exercício promove. Preciso mencionar que realizei a análise desses poemas passados somente 24 horas da chacina no Rio de Janeiro²⁶, na qual somam cento e vinte mortes de pessoas, “quase todas pretas” como sinalizam Caetano Veloso e Gilberto Gil na letra da canção *Haiti*²⁷, em duas comunidades majoritariamente negras e pobres e que sobre tal tragédia o Governador Cláudio Castro declara que vítimas foram somente quatro – os policiais que também sucumbiram. Seria a vida imitando a arte ou seria o contrário?

Essa é mais uma confirmação do que venho sinalizando no decorrer desta escrita: trata-se de um mundo que não admite, não aceita, nem deseja a nossa existência, posto que somos alvos históricos preferenciais, também já declarado aqui. As atualizações das formas de pôr fim às nossas vidas, porque nada valem, nem a ninguém importa (essa é a crença deles) e a sofisticação, os requintes de crueldade buscam aperfeiçoamento, atualização e, sobretudo, eficácia.

É a pele a primeira a chegar. É ela quem grita! Atentemos ao que nos diz Vitória Vivan, *poemando*, posto que é uma das possibilidades, a arte, de tentarmos nos manter de pé, de não

²⁶ Notícia disponível em: <https://www.ufmg.br/comunicacao/radio-ufmg-educativa/publicacoes/noticias-externas/chacina-no-rio-de-janeiro-expoe-politica-de-extermínio-e-negação-dos-direitos-humanos/>. Acesso em: 9 jan. 2026.

²⁷ CAETANO VELOSO; GILBERTO GIL. *Haiti*. In: **VELOSO, Caetano**. *Tropicália 2*. Rio de Janeiro: PolyGram, 1993. CD. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44730/>. Acesso em: 9 jan. 2026.

sucumbirmos diante de tantas e tamanhas atrocidades cometidas contra o nosso povo e de forma tão duradoura. Uma pele que transborda história, que guarda marcas de violências múltiplas e contínuas e ainda assim é concebida pela poeta como bela. Isso é resultado de um longo, demorado e cuidadoso processo que é o de aprender a se gostar, de ver a si mesmo como valioso, como nos ensina Eduardo Oliveira (2005) com a filosofia do colibri. Diz Vitória, desde a primeira linha, buscando anunciar o seu autoamor: “Minha pele não é feia”.

hooks (2000) no ensaio “Vivendo de amor”, que circulou entre nós muito antes de qualquer dos seus livros serem traduzidos e publicados, nos ensina que é preciso fazer as pazes com a imagem refletida no espelho. Segundo ela:

[...] Desde que acordo e me vejo no espelho, começo a me analisar, não com a intenção de me afirmar, mas de me criticar. Isso era comum lá em casa. Quando eu e minhas cinco irmãs descíamos as escadas em direção àquele território ocupado por meu pai, minha mãe e meus irmãos, entrávamos no mundo da "crítica". Tudo era observado e tudo estava errado conosco. Raramente uma de nós era elogiada. Quando substituo a crítica negativa pelo reconhecimento positivo, sinto-me mais forte para começar o dia. A afirmação é o primeiro passo para cultivarmos nosso amor interior. Uso a expressão "amor interior" e não "amor próprio" porque a palavra "próprio" é geralmente usada para definir nossa posição em relação aos outros. Numa sociedade racista e machista, a mulher negra não aprende a reconhecer que sua vida interior é importante. [...] (hooks, 2000, p. 195).

A poeta, mesmo jovem, tem nitidez do ódio sentido e direcionado ao seu/nosso povo preto. A teimosia e a persistência que a noção de resiliência não dá conta aparecem novamente aqui, em conformidade com o poema anterior, resultado da leitura da mesma obra, *Na minha pele* (Ramos, 2017).

Gozo, conquista, continuidade da luta “não importa o que aconteça, eu não irei parar”, tendo como fortaleza a ancestralidade e a determinação em ser feliz, desautorizando o outro a tentar subtrair tal sentimento, destituindo-o de tal poder e alcance. Nuances e desejos de futuros outros são também sentidos nos versos que compõem o poema: “A pele que foi retraída, reinará”. A poeta conclama, intima, convoca, confirmando que juntos somos mais fortes: “Junto com o meu irmão de raça, nós iremos alcançar”. Sabe que precisam concretizar a noção de *ubuntu* que afirma que “eu sou porque nós somos”. A conquista nunca poderá ser individual, ela nasce de uma herança conjunta, do cuidado mútuo e do reconhecimento do que somos e para onde devemos seguir. Nem a poeta, nem o eu, nem a palavra nascem do isolamento, mas

da experiência coletiva, que não se deseja lírico, mas sim zangado (Reis²⁸, 2019) se deixa subjugar. Para o autor:

Zanga é super poder, é ancestral e por isso contemporâneo. É luz que desponta do cosmo do buraco negro e irradia o terceiro olho do faraó que está adormecido em nós. É o momento áureo da autoconsciência negra, é a negritude como força intempestiva, como ação – zangar – em frente aos monstros com mandíbulas ensanguentadas e pele de fantasmas assassinos, o sistema. *Zanga* não é raiva negra, Caralho! A raiva não é um sentimento que alcança a plenitude intempestiva da *zanga*. *Zanga* é todo um sistema de luta negra, um gênio ativo que franze o rosto e não pestaneja na hora das guerras (Reis, 2019, p. 38).

Ousadia não lhe falta. Exemplos se acumulam, mas não de guerreiras, armadilha criada para nos exaurir e não nos permitir momentos de fragilidade e cansaço. O autor defende um eu zangado em lugar do lírico por entender que o sentimento que vigora nos versos do poema é esse, e não amor.

A semente plantada fundo germinou. “Eu quero ver quando Zumbi chegar” (Bem Jor, 1974²⁹), nosso ancestral, com nome e sobrenome, como nos ensina Lelia Gonzalez: “precisamos de nome e sobrenome para que o racismo não nos coloque apelido”. A geração da poeta Mayana aprendeu, com maestria, a *sankofar*, com a licença poética aqui de transformar o ideograma *adinkra* em verbo, ação, de olhar para o passado e aprender com o vivido e seguir de pé: “com o bicaço na diagonal” como assevera Vilma Reis.

O poema de Vitória Vivian tem como “argamassa” a emancipação e como “arremate” o empoderamento, movimentos estes esperados e estimulados durante as ações do projeto. A geração da qual ela faz parte, aprendeu com as que lhe antecederam, que não há como retroagir e isso se configura e se revela como uma sentença em um dos versos do poema aqui analisado, principalmente quando ela declara com convicção e força: “[...] Não importa o que aconteça, eu não irei parar,/ junto com os meus irmãos de raça, nós iremos alcançar,/e olha.../ fecha mesmo as janelas,/ pois é pela porta da frente que vamos entrar!”.

Ao ler esses versos, lembro de uma expressão que circula nas redes sociais, palco privilegiado de muitas aprendizagens para esse público jovem e sedento de saber: “Saia da frente com o seu racismo que eu quero passar”. Não se trata de um pedido de licença. É uma

²⁸ Tal ideia foi teorizada pelo poeta, autor da dissertação defendida em 2019 pelo PPGEL/UNEB com o título: *O banzo, o corpo que singra e sangra e o erótico na poesia de Lívia Natália*, quando o poeta e teórico apresenta e defende a nomenclatura de “eu banzeiro” para pensar a voz dos poemas analisados. Ousando alargar e atualizar a proposta apresento aqui esse eu que em lugar de lírico, se apresenta e se revela como zangada e razões, sobretudo de ordem histórica, não faltam para tanto. Disponível em: https://www.ppgel.uneb.br/wp-content/uploads/2020/09/reis_davi.pdf. Acesso em: 6 nov. 2025.

²⁹ Faixa do álbum A Tábua de Esmeralda, gênero MPB. Zumbi.

ordem e que espera que seja cumprida. Nada de subterfúgios. É pela porta de entrada que se dará o “levante”.

Impossível, sendo uma militante negra, que também é professora, não lembrar do prédio da reitoria tomado por estudantes exigindo cotas. Não confirmaremos ditos racistas que falam em sujar na entrada ou na saída. É exigência de reparação histórica (se possível for). Preciso mencionar, ainda aqui, que quando opto por reproduzir na análise realizada, falas e expressões do nosso cotidiano, é para marcar de que lugar tomo a palavra, é para contemplar a sabedoria popular, que na dimensão das epistemes negras têm lugar privilegiado. Posto que se configura como fruto e resultado do muito e duramente experienciado (quase sempre). Essa sabedoria é alcançada, principalmente a partir dos embates e combates cotidianos, como sinaliza Kilomba (2019). O racismo não dá trégua, se atualiza e amplia com os fenômenos, dele derivados, seu alcance e tentativas de aniquilamento da nossa existência. Nos afeta, sobretudo e de forma indelével, na psique.

Outros poemas que dialogariam de forma profícua e fértil com a produção de Vitória são: Ainda assim eu me levanto (*Still I Rise*) de Maya Angelou (1978) e Gritaram-me Negra - de Victoria Santa Cruz (1960) abaixo reproduzidos. Os dois poemas carregam a força e determinação presente no poema de Victória Vivian e revelam não desistência, persistência, mais do que resiliência, bem como assunção de negritude e orgulho de tal pertencimento, respectivamente. Acessemos, pois, tais produções:

Eu me levanto
(Maya Angelou)

Você pode me riscar da História
com mentiras lançadas ao ar.
Pode me jogar contra o chão de terra,
Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar.
Minha presença o incomoda?
Por que meu brilho o intimida?
Porque eu caminho como quem possui Riquezas dignas do grego Midas.

Como a lua e como o sol no céu,
Com a certeza da onda no mar,
Como a esperança emergindo na desgraça,
Assim eu vou me levantar.

Você não queria me ver quebrada?
Cabeça curvada e olhos para o chão?
Ombros caídos como as lágrimas,
Minh'alma enfraquecida pela solidão?
Meu orgulho o ofende?
Tenho certeza que sim
Porque eu rio como quem possui Ouros
escondidos em mim.

Pode me atirar palavras afiadas,
 Dilacerar-me com seu olhar,
 Você pode me matar em nome do ódio,
 Mas ainda assim, como o ar, eu vou me levantar.

Minha sensualidade incomoda?
 Será que você se pergunta Porquê
 eu danço como se tivesse
 Um diamante onde as coxas se juntam?
 Da favela, da humilhação imposta pela cor
 Eu me levanto
 De um passado enraizado na dor
 Eu me levanto
 Sou um oceano negro,
 profundo na fé,
 Crescendo e expandindo-se como a maré.
 Deixando para trás noites de terror e atrocidade
 Eu me levanto
 Em direção a um novo dia de intensa claridade
 Eu me levanto
 Trazendo comigo o dom de meus antepassados,
 Eu carrego o sonho e a esperança do homem escravizado.
 E assim, eu me levanto
 Eu me levanto
 Eu me levanto.

Gritaram-me negra
 (Victoria Santa Cruz)

Tinha sete anos apenas,
 apenas sete anos,
 Que sete anos!
 Não chegava nem a cinco!
 De repente umas vozes na rua
 me gritaram Negra!
 Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
 “Por acaso sou negra?” – me disse
 SIM!
 “Que coisa é ser negra?”
 Negra!
 E eu não sabia a triste verdade que aquilo escondia.
 Negra!
 E me senti negra,
 Negra!
 Como eles diziam
 Negra!
 E retrocedi
 Negra!
 Como eles queriam
 Negra!
 E odiei meus cabelos e meus lábios grossos
 e mirei apenas minha carne tostada
 E retrocedi
 Negra!
 E retrocedi . . .
 Negra! Negra! Negra! Negra!
 Negra! Negra! Neeegra!
 Negra! Negra! Negra! Negra!

Negra! Negra! Negra! Negra!
 E passava o tempo,
 e sempre amargurada
 Continuava levando nas minhas costas
 minha pesada carga
 E como pesava!...
 Alisei o cabelo,
 Passei pó na cara,
 e entre minhas entranhas sempre ressoava a mesma palavra
 Negra! Negra! Negra! Negra!
 Negra! Negra! Neeegra!
 Até que um dia que retrocedia , retrocedia e que ia cair
 Negra! Negra! Negra! Negra!
 Negra! Negra! Negra! Negra!
 Negra! Negra! Negra! Negra!
 Negra! Negra! Negra!
 E daí?
 E daí?
 Negra!
 Sim
 Negra!
 Sou
 Negra!
 Negra
 Negra!
 Negra sou
 Negra!
 Sim
 Negra!
 Sou
 Negra!
 Negra
 Negra!
 Negra sou
 De hoje em diante não quero
 alisar meu cabelo
 Não quero
 E vou rir daqueles,
 que por evitar – segundo eles –
 que por evitar-nos algum disabor
 Chamam aos negros de gente de cor
 E de que cor!
 NEGRA
 E como soa lindo!
 NEGRO
 E que ritmo tem!
 Negro Negro Negro Negro
 Negro Negro Negro Negro
 Negro Negro Negro Negro
 Negro Negro Negro
 Afinal
 Afinal compreendi
 AFINAL
 Já não retrocedo
 AFINAL
 E avanço segura
 AFINAL
 Avanço e espero
 AFINAL
 E bendigo aos céus porque quis Deus

que negro azeviche fosse minha cor
 E já compreendi
 AFINAL
 Já tenho a chave!
 NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
 NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
 NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
 NEGRO NEGRO
 Negra sou!

E ainda que as jovens poetisas possam não conhecer tal repertório que vem sendo compartilhado nas redes, o legado e a experiência da existência em um corpo de mulher negra em situação de permanente diáspora, as unem e possibilita que em diferentes e muitas vezes distantes tempos, as ideias voltem a circular. Trata-se, portanto, como cantou Luedji Luna de “um corpo no mundo”, um corpo negro em um mundo antinegro e que agrega compulsória e afetivamente outros tantos semelhantes e equivalentes.

A escola para tais aprendizagens e estratégias de quase guerrilha é a rua, para o embate/combate anunciado nos poemas escolhidos. Nunca o esmorecimento. A história não nos permitiu cansaço, quiçá conceber a possibilidade de desistência. É preciso seguir, “é preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte³⁰” (Veloso; Gil, 1969) que nos rodeia há séculos e tem alvejado nosso futuro na figura da juventude negra. É a necropolítica (Mbembe, 2018) querendo ludibriar *Iku* (morte), nos arrancando as/os nossas/os meninas/os de pele preta de forma cada vez mais precoce e brutal.

A complexa e delicada experiência de existir em um corpo negro, nos faz recorrer a poesia, como exercício de sobrevivência, de tentativa de integridade e quiçá alívio (se possível for). Desde muito cedo, nossa juventude tem feito dos ensinamentos de nossas mais velhas, sábias sentenças para adiar ou quem sabe até mesmo evitar, o sucumbimento que parece sempre começar no psíquico. Por isso operacionalizar a “[...] transformação do silêncio em linguagem e em ação” (Lorde, 2019), com o “erguer a voz” (hooks, 2019), por precisar entender, com muita rapidez e precocidade, que a linguagem é, inevitavelmente, pelo menos para nós, povo preto em permanente diáspora, “um lugar de luta”.

Tomando de empréstimo as palavras de Lorde (2019) percebemos que Mayana sintoniza e transborda toda a dor e luta acumuladas em nossa pele preta. Lorde nos interroga com cuidado e zelo, mas, também, com força e determinação:

³⁰ Verso da canção "Divino Maravilhoso", composta por Caetano Veloso e Gilberto Gil e imortalizada na voz de Gal Costa. Lançada em 1968. Data de lançamento: 1969. Artista: Gal Costa. Álbum: Gal Costa. Gênero: MPB.

Quais são as palavras que você ainda não tem? O que você precisa dizer? Quais são as tiranias que você engole dia após dia e tenta tomar para si, até adoecer e morrer por causa delas, ainda em silêncio? Para algumas de vocês que estão aqui hoje, talvez eu seja a expressão de um dos seus medos. Porque sou mulher, sou negra, sou lésbica, porque sou quem eu sou – uma poeta negra guerreira fazendo o meu trabalho –, então pergunto: vocês têm feito o trabalho de vocês? (Lorde, 2019, p. 53).

Lorde (2019) afirma que o silêncio pode levar a um adoecimento e à morte, deslocando a fala do desabafo para a sobrevivência, e assim, a palavra é apresentada como veículo de libertação e usada como instrumento para esse mesmo fim. As palavras, devidamente pronunciadas, nos chamam e nos incitam a sair do foco da opressão individual para a ação coletiva, assumindo nossas responsabilidades, posto que segundo a teórica, o silêncio não protege:

[...] Meus silêncios não me protegeram. Seu silêncio não vai proteger você. Mas a cada palavra verdadeira dita, a cada tentativa que fiz de falar as verdades das quais ainda estou em busca, tive contato com outras mulheres enquanto analisávamos as palavras adequadas a um mundo no qual todas nós acreditávamos, superando nossas diferenças. E foi a preocupação e o cuidado dessas mulheres que me deram força e me permitiram esmiuçar aspectos essenciais da minha vida. (Lorde, 2019, p. 54).

Podemos notar com apenas dois dos muitos poemas produzidos ao longo do projeto e das publicações resultantes dele, como a produção das participantes do Projeto Escrevivências Afro-baianas parecem sintonizar e confirmar tais máximas.

Não gosto nem mesmo de imaginar o estrago físico e mental que poderia ocorrer sem o uso desse recurso potente que tem se revelado a literatura produzida por nós, pessoas pretas, na vida desses nossos mais jovens. Sem a possibilidade desses registros escritos, em tom e forma de arte, para expurgar, arrancarem de si e de nós as dores seculares herdadas, que continuam sendo perpetradas, quando represadas, sem a possibilidade de vazão e transbordamento. É, também, por isso que muitos/as dos/as nossos/as quebraram em definitivo, sem a possibilidade de “remendo” ou “conserto”.

A escrita, sobretudo a literária, tem se revelado, também aqui na teorização da experiência sobre o projeto e que se confirma como a feitura desta dissertação, como uma rota de fuga e, portanto, de sobrevivência, salutar, que se empenha, mesmo que seja no plano do inconsciente, de nos “devolver” (na medida do possível) saúde, e procura garantir, nem que seja minimamente, a nossa sanidade.

Repito e reforço, aqui, a escolha por métodos de análise negrorreferenciados, como os aqui adotados e a saber: crítica literária negra e a escrevivência, pois, diante de tantas peculiaridades/especificidades não consigo conceber a análise do discurso (a de linha francesa

costuma ser a mais utilizada aqui no Brasil representada, mas não resumida na figura de Michel Foucault), ainda que busque explorar silêncios, pressupostos subentendidos e não ditos; muito menos a análise de conteúdo (Bardin, 2011) que sequer da superfície do texto saiu, para que pudéssemos alcançar em profundidade e a contento o extrato mais profundo existente nos poemas aqui escolhidos para dar início aos trabalhos de análise. Não se mostrariam como compatíveis, nem pertinentes e frustração trariam, podendo comprometer, inclusive, a tentativa de ver respondida a questão de pesquisa, o problema, e da concretização dos objetivos elencados desde a confecção do projeto de investigação.

Nos poemas aqui analisados a partir do entrelaçamento da teoria que vem sendo produzida pelas nossas irmãs em diáspora e de outros poemários irmãos aqui contemplados a partir da intertextualidade, estratégias estas usadas pela crítica feminista negra, é que a pele preta é a couraça/proteção, sendo concomitantemente, também, o alvo histórico preferencial. E, ainda, o relicário no qual armazenamos os ensinamentos e aprendizagens, de um EU que carrega inevitavelmente um NÓS.

Dando continuidade ao compartilhamento do poemário produzido pelas participantes do projeto, segue, abaixo, um terceiro poema, dessa vez mudando o mote de pele para olhos, posto que se trata do resultado com o livro de Conceição Evaristo *Olhos D'água*, prosseguindo no exercício das análises.

A autora do poema, Hillary Monique, não foi minha estudante das aulas de inglês ou componente curricular eletivo. Nos encontramos nos corredores do colégio e em seguida no projeto, quando foi indicada pela professora Hilma Cerqueira e já cursava o segundo ano do Novo Ensino Médio. O poema de Hillary intitulado *Os olhos da pele* provoca um impacto profundo sobre mim, uma vez que revela uma realidade vivenciada por muitas mulheres negras sobre o criar, educar e tomar conta sozinhas de suas crias. Destaca-se como essa realidade triste incide singularmente sobre meninas negras, evidenciando precocemente os efeitos do racismo e sexismo e como essas experiências que se tornaram comuns nos levam a ter exemplos desta mesma conduta em camadas diferentes, que atinge muitas mulheres negras ao nosso redor. Então nesse cenário é importante reforçar a importância de ampliar debates de raça e gênero no ambiente escolar e de ter momentos para uma melhor escuta dos sentimentos e vivências das meninas. Nesse mesmo contexto eu trago na íntegra o poema de Hillary para dar continuidade a essa análise:

Os olhos da pele

(Hillary Monique Conceição Cerqueira Borges)

Conceição Evaristo me questionou
De que cor eram os olhos de minha mãe
Seus olhos representavam uma mãe desesperada
Que lutava por sua filha
Que foi abandonada por um cara

A sua filha não faltou nada Amor,
carinho ou boas risadas
Mas faltou paternidade
Que mais tarde veio a conta
Das sessões com o Doutor Isaac

Qual o preço da paternidade?
Saúde, dinheiro ou sanidade?
Acabei me apegando a um homem
Que me deu carinho, atenção e estabilidade
O que me faltou na paternidade

Mirei numa crítica social
E acertei na maioria da população brasileira
Haja tanto cigarro pra esses homens
Que brincam com a vida alheia
Afinal, filho é só da mãe.

O poema estabelece um diálogo com a obra da escritora mineira Conceição Evaristo (2016), o conto “*Olhos d’Água*”, pertencente à coletânea homônima. A intertextualidade se constrói a partir da retomada direta da pergunta que se apresenta no início do conto “*De que cor eram os olhos de minha mãe?*”, tanto no texto de Conceição Evaristo quanto no poema analisado, se estabelece uma reflexão sobre memória, identidade e denúncia da condição de vulnerabilidade vivida por mulheres negras.

No conto *Olhos d’Água*, homônimo da obra da qual faz parte o poema em estudo, a narradora empreende um movimento de rememoração marcado pela ausência. A dificuldade de lembrar a cor dos olhos da mãe simboliza um apagamento histórico, afetivo e social das mulheres negras, cujas subjetividades foram silenciadas ao longo da história. A água, elemento simbólico central, representa lágrimas, sofrimento coletivo e resistência. Os olhos da mãe são “d’água” porque carregam a dor de uma existência atravessada pela pobreza, pelo patriarcado e pelo racismo e assim sendo, por tristeza profunda e ao que parece, contínua.

No poema em análise, a pergunta de Conceição Evaristo não permanece apenas no plano simbólico da memória ancestral, mas é deslocada para uma experiência contemporânea e individual (mas inúmeras vezes reproduzida entre as nossas irmãs gerando experiências afins/equivalente e, portanto, compartilhadas), marcada pela ausência paterna e pelas consequências e desdobramentos emocionais e de ordem psicológica. Enquanto no conto a

narradora busca compreender a mãe e suas especificidades vividas, no poema a voz lírica se posiciona como filha, elaborando a luta de sua mãe e sua própria história de abandono e carência, trazendo para a sua realidade os sentimentos promovidos e provocados pelo acesso ao conteúdo do conto original de Conceição Evaristo.

Os versos: “[...] Seus olhos representavam uma mãe desesperada, / Que lutava por sua filha [...]” (Borges, 2023, p. 32) gritam diretamente o imaginário da maternidade negra presente em “*Olhos d’Água*”, em que a mãe é figura de resistência, única responsável pela sobrevivência física e emocional das filhas e filhos. Assim como em Evaristo, a maternidade negra e as especificidades, inclusive históricas, aparece como espaço de sobrecarga, luta e inúmeras renúncias.

Entretanto, o poema amplia sua dimensão ao trazer à tona a crítica explícita à ausência da paternidade, aspecto que em *Olhos d’Água* aparece de maneira mais implícita diluído nas estruturas do abandono social. Os versos: “[...] Mas faltou paternidade Que mais tarde veio a conta [...]” (Borges, 2023, p.32) trazidos pela jovem poeta, revelam uma consciência crítica sobre os efeitos prejudiciais dessa ausência que surgem mais tarde, associando-a a impactos na saúde mental, evidenciados pela menção às sessões terapêuticas: “Das sessões com o Doutor Isaac” (Borges, 2023, p.32). A terapia é um elemento da contemporaneidade que atualiza o debate proposto por Evaristo, conectando a herança de dor à tentativa de elaboração e cura no presente. O poema, portanto, transforma a memória em denúncia social, explicitando que o abandono paterno não é um caso isolado, mas um fenômeno estrutural: “Mirei numa crítica social/ E acertei na maioria da população brasileira”. Aqui, o eu lírico rompe com fronteiras individuais e assume uma voz coletiva, ao expressar uma experiência que se manifesta em um grupo social a margem da sociedade, que chefia suas famílias e vivencia diversas opressões, esse grito coletivo se aproxima a noção de escrevivência, cunhada por Conceição Evaristo, segundo o qual a escrita nasce da experiência vivida por mulheres negras e se converte em instrumento político de denúncia e resistência. Hillary Monique na firmeza dos seus versos entende a mensagem de Evaristo como quem herda um chamado ancestral para um levante carregado de coragem e com muita segurança na sua própria vivência.

O verso final: “Afinal, filho é só da mãe”, condensa a crítica social do poema e dialoga profundamente com o conto original *Olhos d’Água*. Ambos os textos evidenciam a naturalização da maternidade solo e a responsabilização exclusiva das mulheres, especialmente mulheres negras pela criação dos filhos e filhas, enquanto a figura masculina permanece ausente, isenta de responsabilidades afetivas e sociais.

Assim, o poema não apenas homenageia Conceição Evaristo, mas responde à sua provocação, transformando a pergunta sobre a cor dos olhos da mãe em uma reflexão ampliada sobre paternidade, abandono, saúde mental e desigualdade social no Brasil. Se em *Olhos d'Água* a água simboliza lágrimas, posto que se trata, também, das “águas de Mamãe Oxum” (Evaristo, 2016, p. 18-19) ancestrais e memória coletiva, neste poema ela se converte em dor psíquica contemporânea, mostrando que os efeitos do passado ainda reverberam no presente. O poema de Hillary articula experiência pessoal, crítica social e escrita como forma de resistência, trazendo a potência política da palavra e inspirada por Conceição Evaristo ela afirma a sua escrevivência jovem e aguerrida.

E nesse salutar exercício de análise dos *corpora* recorro, novamente, ao *poemário* produzido por mulheres negras em diáspora, em especial aqui a Lubi Prates (2017) e Fabiane Carneiro (2023) com dois poemas publicados na obra *Um corpo negro* e *Casa Cheia*, respectivamente, uma técnica de exercitar a crítica feminista negra, prometida para esse momento da escrita da dissertação, e que tem se revelado ao logo dos tempos como muito fértil e pertinente aos propósitos aqui esperados. O conteúdo por elas compartilhado me permitem ousar mais um jogo que desejo profícuo de intertextualidade com a produção da poeta Hillary. Atentemos para o que dizem as poetisas, começando com Lubi, com o poema abaixo reproduzido e não nomeado, quando reivindica e procura sustentar um Eu, apesar das adversidades, ao que parece, ininterruptas:

se me arrancaram pela raiz
forço uma cartografia
desejando a terra

porque os mares já me falaram absurdos
sendo apenas o caminho:
jamais alguma pista de destino.

se me arrancaram pela raiz
forço uma cartografia
desejando a terra

deito meu corpo no chão
naquele exercício pré-escolar de
circundar
minha mão
meus braços
pés pernas cabeça

para criar limites e dizer: eu
para criar um território e dizer: eu
para criar um mapa e dizer: eu

se me arrancaram pela raiz

forço uma cartografia
desejando a terra
pois sobraram as sementes

Consigo perceber, sem grandes dificuldades, que mesmo em face de obstáculos múltiplos e acumulativos, essas mulheres negras, de diferentes gerações parecem criar estratégias de sobrevivência e não sucumbimento, buscando garantir a dignidade necessária para o enfrentamento das demandas diárias.

Vejamos agora o poema de Fabi Carneiro (2023, p. 29) que aborda questões de ordem familiar. Diz ela no poema que dá nome a obra, Casa Cheia:

Casa Cheia
(Fabiane Carneiro)

Meu corpo-mãe
é casa cheia
de paredes rachadas
por onde escapam as águas
de minha contida expressão.

E ainda que Hillary, poeta dos versos aqui analisados, seja a geração que sente a ausência do genitor, foi a mãe que sofreu primeiro o abandono do amado e que precisou não dividir a possível dor pela perda, buscando minimizar as mazelas ecoadas na filha. Quantos silêncios precisou a genitora guardar para si, evitando, dessa forma, que a filha sofresse ainda mais com a ausência paterna? Nesse ponto da análise volto as teóricas e noções utilizadas na primeira análise quando Lorde (2019, p. 46) afirma tanto que “poesia não é luxo” é “destilação reveladora da experiência” (p. 46) quanto: I) que os silêncios não nos protegerão e que, portanto, faz-se necessário; II) transformar o silêncio em linguagem e ação” (Lorde, 2019, p. 51) ou se preferirmos “erguer a voz” como orienta hooks (2019). Mas o que a geração que antecede a nossa procurou fazer foi tentar guardar para si toda a sorte de sentimentos com as perdas e abandonos, quase sempre sucessivos, e, portanto, como já mencionado, acumulativos, poupando aqueles que estavam sob sua responsabilidade de também sentirem dores atroz e por demais pesadas, sobretudo na infância.

A poesia, para nós, mulheres negras em diáspora, tem se configurado como “[...] não apenas sonho e imaginação; ela é o esqueleto que estrutura nossa vida. Ela estabelece os alicerces para um futuro de mudanças, uma ponte que atravessa o medo que sentimos daquilo que nunca existiu” (p. 47) e ousando complementar a ideia de Lorde aqui apresentada, diria os episódios que foram duramente experimentados.

Sigamos, então, para o último poema, de autoria de Lícia Trindade. O meu encontro com a jovem poeta ocorreu nas primeiras aulas de inglês instrumental do curso Técnico Integrado em Administração do colégio, em março de 2022. No decorrer da referida aula, observei um olhar dela atento sobre mim, enquanto um movimento rápido da sua mão esquerda descrevia rapidamente nas folhas de seu caderno. Essa dualidade era para como quem não desejava perder a chance de observar e escrever ao mesmo tempo.

A cena despertou em mim, curiosidade, mas procurei continuar com a aula normalmente. Ao final da aula acabei sendo surpreendida com o escrito de Lícia, um poema denominado Azul, resultado da observação e registro acelerado, e pela sensibilidade criativa expressa naquelas linhas do papel. Ela me contou-me que fez o poema inspirada na cor azul da minha blusa. Naquele dia eu vestia uma blusa com um tom de azul da cor do céu e do mar, combinando com o azul da calça jeans que refletia nos meus cabelos brancos, conforme ela retrata no trecho abaixo publicado na minha página pessoal do Instagram em 23 de fevereiro de 2022.

O azul me chama atenção
Azul da blusa
Azul dos cabelos
Azul de uma calça jeans
Azul da caneta
Do céu
Do mar
Tudo remete ao mar
Enfim, esse é meu desejo translúcido de nadar [1].
(Trindade, 2022).

A docência sempre nos reserva muitas surpresas, sempre acreditamos que somos uma referência para nossas/os estudantes. Testemunhar a materialização de ser uma inspiração para Lícia Trindade, transcende os conteúdos em sala de aula para uma dimensão que conecta às nossas histórias e experiência de sermos mulheres negras, configurando em um processo de empoderamento individual e coletivo. Como nos faz refletir Berth (2020): “[...] vale dizer que é importante se empoderar no âmbito individual, porém é preciso que haja um processo no âmbito coletivo”. O que pode se traduzir que o empoderamento ocorre individualmente, mas se fortalece no coletivo, posto que brota na sala de aula comprovado na atuação da estudante na coletividade no decorrer das atividades propostas no Projeto Escrevivências com suas colegas e professoras.

Ao acompanhar o desenvolvimento e a produção da poeta no decorrer dos encontros do projeto, noto, sem dificuldades, que Lícia Trindade apresenta uma relação com as águas, desde

o poema “Azul”, citado anteriormente, característica essa que aparece com mais vigor em outros textos da autora, como por exemplo o poema *Olhos d’ela* que foi escrito após a primeira roda de leitura do projeto, quando trabalhamos com a obra *Olhos d’água* de Evaristo, (2016), e que acabamos por escolher o conto homônimo ao título do livro para trabalharmos naquela etapa de execução das rodas de leitura. A roda foi conduzida por meio de uma dinâmica de compartilhamento na qual cada trecho era lido por uma pessoa diferente, circulando de mão em mão até terminar a leitura. Ao final realizamos um debate sobre pontos importantes do conto e sua relação com a vida cotidiana e sobre a biografia da autora, a decana Conceição Evaristo. No decorrer do projeto, logo após a mencionada atividade, Licia Trindade entrega o seguinte poema:

Olhos d’ela
(Lícia Trindade)

Reflexo
De olhos d’água
Da chuva fria
No fim de julho.

Sei observar
O rio
Por onde a vida
Passa memórias
A velejar
Num barco a remo
No grande mar.

Qual cor
Tem o meu olhar?
Cachoeira
De palavras
Não ditas
Guarde pra mim
Na lembrança
Do abraço caloroso
Ao me encarar
(Trindade, 2022, p. 41-42).

A partir da leitura atenta do texto observo que a escolha imagética de Lícia Trindade constrói um campo semântico ligado à fluidez, introspecção e à lembrança. A água, enquanto metáfora, sugere movimento fluidos com uma profundidade que segue contornando palavras, apagadas e não ditas, remetendo a experiências que se transformam e que retornam em formato de emoções e desejos de abraços calorosos, abraços que são guardados nas lembranças, talvez da infância que são mais espontâneos em relação ao período da adolescência, muitas vezes mais conturbados e críticos. O poema também evidencia uma experiência subjetiva que, embora

individual, se articula a uma dimensão coletiva, especialmente no que se refere às vivências de mulheres negras e aos silêncios impostos por estruturas sociais excludentes que podemos perceber no poema da baiana Juciane Reis (2021, p. 31):

Mar de Sal
(Juciane Reis)

Sois mulheres transatlânticas
Separadas (re)unidas
Sois meninas dos olhos das águas
Dos brasis e baías
Cartografados nos corpos ancestrais
Do espelho-leque gênese de tudo
O umbigo é o mesmo.

O poema *Mar de Sal* utiliza uma simbologia para abordar memória, identidade e união de mulheres negras que apesar de viver em diversas épocas e morar em locais diferentes estão unidas por um cordão umbilical de uma mãe chamada África. O poema ao referenciar a água e o sal, nos remete às experiências diaspóricas reforçando a ideia de conexão ancestral e a possibilidade de cura. É a travessia forçada, via sequestro dos nossos antepassados que ainda ecoa forte no hoje, desaguando em volumes cada vez mais caudalosos no poemário produzido por minhas irmãs ontem e ainda hoje.

A água e o mar anunciados por Lícia se configuram como um exercício de *poe-mar* que a antecede e ao que parece a sucederá. Diante de eventos avassaladores, como encontrar calma e quiçá algum porto seguro? Como encontrar abrigo e conforto se as palavras não se mostram suficientes para o apaziguamento necessário? (Será mesmo possível lograr êxito com tal exercício?) *Poemar* para simbolizar o intraduzível, para tentar aliviar as dores seculares que carregamos em nosso DNA.

Há, também, um movimento em paralelo que é o de teorizar sobre esse não retorno, sobre a *kalunga* grande, sobre o que os “olhos d’ela” alcançam mesmo hoje, passando tanto tempo. Os olhos de ontem se entrecruzam com os de hoje e molhados de lágrimas tornam ainda mais volumoso esse misterioso lugar.

No que diz respeito às contribuições teóricas, para acessar e ler poemas com tal teor, posso citar: I) Dionne Brand (2022) versará sobre a porta do não retorno e mais recentemente sobre naufrágios (2025); II) Aline Motta (2022) conceberá o elemento aqui trabalhado, a água, como uma máquina do tempo, estabelecendo conexões as mais diversas; III) Christina Sharpe, por sua vez, fará dos vestígios uma metodologia de pesquisa muito nossa; e IV) Saidya Hartman, historiadora negro estadunidense, com a proposta de fabular criticamente os arquivos,

que na obra *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*, no capítulo intitulado de *O livro do mortos* afirma que: “Dizem que, se você olhar para o mar por muito tempo, cenas do passado renascerão. Dizem que o mar é história. E o mar não tem nada para mostrar além de uma bem escavada sepultura. [...]” (Hartman, 2021, p. 173).

Notamos, assim, que o exercício aqui proposto e realizado foi o de selecionar diante de uma produção tão profícua e em construção e andamento, poemas que explicitassem e sinalizassem resultados de empoderamento e autoafirmação, frutos do trabalho desenvolvido no projeto que serviu de objeto de pesquisa dessa tese, revelando, dessa forma, que é possível trabalhos de cunho semelhante e equivalente em escolas públicas e com o devido acompanhamento e estímulo, os frutos podem ser de muita fertilidade para todos os participantes do projeto, inclusive a autora dessa investigação que definitivamente sai modificada diante de cada etapa executada e do acesso a um acervo rico e complexo, produzido pelas adolescentes poetisas.

Para essa etapa final de análise dos *corpora* de pesquisa, com a decisão política de fazer uso do acervo teórico produzido por minhas *sistah* (Kilomba, 2019), bem como um salutar jogo de intertextualidade com poemas de outras mulheres negras e alguns poucos homens, acabo concretizando, também, o desejo anunciado da realização de uma crítica feminista negra.

O conto *Olhos d'Água* (Evaristo, 2016) constrói uma narrativa na qual o esquecimento da cor dos olhos da mãe não representa ausência de memória, mas, paradoxalmente, sua intensificação. Os olhos maternos são descritos como resistência e sobrevivência, revelando uma memória profundamente dolorosa, inscrita no corpo -mulher- negra.

O diálogo entre o poema de Evaristo e de Lícia, duas gerações distintas, se estabelece na compreensão do olhar como lugar de viver e se colocar em um mundo de negações de direito, que afligem as mulheres negras de gerações diversas experimentadas em uma relação mãe e filha, muitas vezes em uma construção familiar apenas entre elas, enfrentando e superando dificuldades de ordem material e/ou subjetiva. Os olhos que guardam essas e muitas histórias que não foram verbalizadas, se manifestam por meio do silêncio, da emoção e da sensibilidade. Assim, o olhar torna-se um dispositivo de narrativas emocionais que tensiona o apagamento histórico e ressignifica a memória como herança afetiva vivenciada pelas mães e filhas.

Voltando a falar sobre água e caminhos, tanto em *Olhos d'ela*, poema de Lícia Trindade, quanto em *Olhos d'Água*, de autoria de Conceição Evaristo, tal elemento se move como uma metáfora da memória ancestral que ocorre nos versos de Lícia “Por onde a vida Passa memórias A velejar” e em Evaristo “A cor dos olhos de minha mãe era a cor de olhos d'água. Águas de mamãe oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida pela

superfície” (Evaristo, 2017, p. 18-19) e do afeto herdado, e se constitui nessa “escrita de nós”. A fluidez da água simboliza a transmissão transgeracional de experiências, enquanto o olhar atua como testemunha silenciosa da história.

Essa poética da memória rompe com narrativas hegemônicas e reafirma a literatura de mulheres negras como espaço de resistência e reconstrução simbólica. O olhar, longe de ser passivo, assume caráter político ao tensionar silêncios históricos e reivindicar novas formas de narrar a experiência negra feminina.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Folhas

(Vitória Vivian de Barros)

Foram tantas folhas em branco,
Tantas folhas que deixei de escrever;
Folhas que joguei fora
E outras que não consegui mais ler.

Ao passar do tempo, fui percebendo
O quanto escrevi algumas páginas errado;
Mas não foram só sofrimento;
Algumas páginas apenas guardo

Já escrevi história de amor,
Família perfeita, amigos fiéis,
Uma vida estabilizada,
Mas nunca rolou.
Muitas vezes deixei de escrever minhas próprias histórias,

Ou a caneta falhava nas folhas grossas;
E o meu semblante caía, como aquelas folhas na primavera
Que eu sempre avistava de uma árvore bela.
E aquela árvore me ensinou algo,
Pois, mesmo com todas aquelas folhas no chão,
Se faziam novas na próxima estação.

Então, olhei pra dentro e parei de desistir;
Sei que, na próxima estação,
Folhas novas estarão esperando por mim.

As considerações finais desta dissertação intitulada a Escrita que transforma: Escrevivências afro femininas de estudantes de uma escola pública do ensino médio de Salvador- Bahia, se inicia com o poema “Folhas” da jovem Vitória Vivian, compreendido aqui como uma possibilidade de síntese dos diversos caminhos que me trouxeram até esse momento. Ao debruçar sobre uma escrita jovem, negra e feminina que tem como ponto de partida e continuidade as Escrevivências de Conceição Evaristo, a escrita de nós, é um ato de poesia e política que revelou o potencial para transformar dores e lutas em literatura, valorizando nosso espaço de pertencimento e que nos aproxima das nossas realidades, assim como os diálogos constantes com a produção de tantas outras mulheres negras em Diáspora. Um mergulho em águas fluidas, doces e salgadas que sustentam os sentidos desta pesquisa que com um olhar atento sobre sentimentos, emoções e subjetividades que propõe investigar de que forma a produção textual presente no livro Escrevivências afro-baianas pode contribuir nos processos de empoderamento e autoafirmação e consegue transformar a vida das estudantes que participaram e ainda participam do Projeto Escrevivências afro-baianas do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia.

Dialogando com os versos de Vitória Vivian, quando escreve: “[...] foram muitas folhas em branco tantas folhas que deixei de escrever” retomo ao meu processo de escrita desta dissertação, onde muitas folhas não foram escritas por mim neste trabalho, por causa da imensidão de desdobramentos e atravessamentos que esses escritos me provocaram durante a análise e que guardei para mais tarde retomar. Por outro lado, “muitas vezes deixei de escrever as minhas próprias histórias”, fato que consigo romper nas primeiras seções desta dissertação trazendo a minha história escreviente, desde os passos que se iniciam quando do meu nascimento, passando por todo meu processo de escolarização e militância até chegar à educação pública, e mais recente ao Projeto Escrevivências afro-baianas. É uma história que perpassa por momentos doloridos e de resistência pela condição de ser uma mulher negra em uma sociedade racista, mas que não se resume a isso. Guardo na memória e no coração, a solidariedade, amor e força ancestral. Agora, essas experiências não permanecem apenas guardadas na minha memória, mas encontram registro e sentido neste trabalho.

Trazer minhas experiências de Escrevivências falando da importância de tudo que vivi e o apoio e referência de mulheres negras me faz perceber o impacto da minha atuação enquanto professora e militante. Acredito que seja uma história que pode inspirar, também, outras educadoras a continuar na perspectiva de trazer para sua prática pedagógica a escrita de mulheres negras na diáspora, apostando e investindo na formação leitora de literatura negra e sobretudo no exercício de autoria negra por parte de uma juventude que tem se revelado, pelo menos no projeto que serviu de objeto de estudo nesta investigação e que resulta na escrita desta dissertação, como ávida e muito desejosa de partilhar os achados do percurso trilhado.

Ainda com as palavras de Vitória Vivian “E aquela árvore me ensinou algo”, o projeto escrevivências, nossa árvore frondosa, como revela a capa da primeira publicação, ensinou a força da coletividade. Em cada poema fruto desta árvore, encontrei palavras de muita reflexão e resistência que fortalecem a importância de uma educação para as relações raciais e que resulta em um processo contínuo de combater as agruras estabelecidas por uma sociedade excludente, e como as jovens escritoras escolares conseguiram expressar e compartilhar os seus sentimentos de forma poética, bela e política, com muito senso crítico em relação às problemáticas que as cercam por ser meninas negras. Cada verso declamado, cada performance em diferentes palcos, fosse nas festas literárias ou apresentações institucionais, fizeram com que elas tivessem firmeza e a certeza do caminho que gostariam de seguir e conferindo a palavra, um instrumento de empoderamento, autoafirmação e autoconhecimento.

Procurando entrelaçar o trecho: “Folhas novas estarão esperando por mim” com a imagem que encerra esta dissertação, ao apresentar a estudante Emily Silva ao lado da decana

Conceição Evaristo, procuro simbolizar a continuidade das nossas Escrevivências como território político, lugar de afirmação identitária e instrumento de resistência, evidenciando a transmissão de saberes, memórias e experiências entre gerações. Nesse sentido, a pesquisa também se abre como campo de investigação para outros pesquisadores e pesquisadoras, que poderão ampliá-la por meio de novos recortes teóricos, da incorporação de outros corpos literários, contextos socioculturais e metodologias, fortalecendo o diálogo coletivo e interdisciplinar em torno da escrita como prática de resistência e produção de sentidos. O Projeto Escrevivências com suas ações e publicações ainda tem muito a ser explorado, o que pode levar a uma compreensão maior sobre a escrita jovem negra a partir de metodologias que contemplam uma educação para as relações raciais.

Concluir esta dissertação não se configura, para mim, como um ponto final e sim uma pausa para um recomeço a partir de todo percurso investigado e abertura para outras páginas que ainda serão escritas, reafirmando a literatura como lugar de luta, memória, identidade e resistência, bem como a escola pública e a juventude negra como usina e potência.

Figura 26 – Encontro com Conceição Evaristo em Salvador, Bahia julho de 2024



Fonte: Instagram, perfil: escrevivenciasafrobaianas

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALVES, Janaína Bastos; SANTOS FILHO, E. F. A Tradição Oral para povos africanos e afrobrasileiros: relevância da palavra. *In: Revista da ABPN*, v. 9, Ed. Especial - Caderno Temático: Saberes Tradicionais, 2017, p. 50-76. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/464>. Acesso em: 03 ago. 2025.

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo. *In: ANZALDÚA, Glória. A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Bolha, 2021. p. 43-62.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Jandaíra, 2020. (Coleção Feminismo Plurais).

BORGES, Rosana. Escrivivência em Conceição Evaristo: armazenamento e circulação dos saberes silenciados. *In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 182-205.

BRAND, Dionne. **Um mapa para a porta do não retorno: notas sobre pertencimento**. Rio de Janeiro: A bolha, 2022.

BRAND, Dionne. **Salvamento: leituras do naufrágio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2025.

DU BOIS, W. E. B. **As almas do povo negro**. Tradução de Alexandre Boide. São Paulo: Veneta, 2021.

CHRISTIAN, Barbara. **A disputa de teorias**. *In: Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 85, jan. 2002. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100005/8760>. Acesso em: 10 fev. 2022.

COLLINS, Patricia Hill. O poder da autodefinição. *In: Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 179-215.

COLLINS, Patricia Hill. Epistemologia feminista negra. *In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO, Torres, Nelson; GRISFGUEL, Ramón (Orgs.) Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. (Coleção Cultura Negra e Identidades). p. 139-170.

COSER, Stelamaris. Conceição Evaristo: circuitos transnacionais, entrelaçamentos diaspóricos. *In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTES, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário (Org.). Escrivivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2023. p. 31-50.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo negro, 2010.

DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário (Org.). **Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. 2. ed. Belo Horizonte: Idea, 2018.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*: ALEXANDRE, Marcos Antônio. **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 16-21.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. (Dissertação Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, 1996.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In*: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora**. João Pessoa: Ideia: Editora Universitária - UFPB, 2005, p. 201-212.

EVARISTO, Conceição. Ayoluwa: alegria de nosso povo. *In*: **Evaristo, Conceição. Olhos d'água**, Pallas Editora, 2016 p. 111-114

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Belo Horizonte: Pallas, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo horizonte: Mazza, 2003.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2017

EVARISTO, Conceição. **Macabea: Flor de Mulungu**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2023

EVARISTO, Conceição. **Poemas malungos: cânticos irmãos**. 172 p. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – UFF, Niterói, RJ, 2011b.

EVARISTO, Conceição. **Entrevista: minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra**. Nexo Jornal, 1997 Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/ConceiçãoEvaristo-minha-escrita-é-contaminada-pela-condição-de-mulher-negra>. Acesso em: 06 out. 2025.

FELISBERTO, Fernanda. A escrevivência como rota de escrita acadêmica. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 164-181.

FERREIRA, Amanda Crispim. **Escrevivências, as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários)** – Programa de Pós-Graduação em Letras - Pós-Lit, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2013. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/items/df20d8c4-be71-4b24-aa91-c127eb83aab1>. Acesso em: 13 abr. 2024.

FERREIRA DA SILVA, D. **A Dívida Impagável**. São Paulo: Forma Certa, 2019. Disponível em: <https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2020/01/a-divida-impagavel.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2025.

FONSECA, Maria Nazareth Soares Fonseca. **Escrevivência: sentidos em construção** In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p.59-73

FREITAS, Henrique. **Pilhagem epistêmica**. In: Doris Cristina Vicente da Silva Matos e Cristiane Maria Campelo Lopes Landulfo de Sousa (Org.). **Suleando conceitos em linguagens: decolonialidades e epistemologias outras eds.** – Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 305-317

GALEANO, Eduardo. **Dias e noites de amor e de guerra**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

HARTMAN, Saidya. **O livro dos mortos**. In: **Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021. p. 173-194.

hooks, bell. **Heranças estéticas: uma estética feita à mão**. In: **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. São Paulo, Elefante, 2019. p. 230-243.

hooks, bell. **A teoria como prática libertadora**. In: **hooks, bell. Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 83-104.

hooks bell. **Sobre a autorrecuperação**. In: hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019b. p. 72-84.

hooks bell. **Irmãos de Inhame: mulheres negras e autorrecuperação**. São Paulo: Martin Fontes, 2023.

hooks, bell. **Vivendo de Amor**. In: WERNECK, J. **O Livro da Saúde das Mulheres Negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2000. p.188-198.

JESUS, Hilma Cerqueira de; VASCONCELOS, Liliane; SILVA, Jucy. **Escrevivências afro-baianas**. Salvador: Editora DiKebrada, 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LOPES, Goya. **Ilustrações**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p.1

LORDE, Audre. Poesia não é um luxo. **In: Irmã outsider.** Tradução Stephanie Borges. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 45-50.

LORDE, Audre. Transformação do silêncio em linguagem e em ação. **In: Irmã outsider.** Tradução Stephanie Borges. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 51-56.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** São Paulo: N-1 edições, 2018.

MIRANDA, Fernanda. Escrivência, fabulação e os passados inauditos. **In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário (Org.). Escrivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo.** 1. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2023. p. 51-64.

MOTTA, Aline. **A água é uma máquina do tempo.** São Paulo: Círculo de poemas, 2022.

OLIVEIRA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência.** Salvador: EDUFBA, 2020. 207p.

OLIVEIRA, Eduardo. **Filosofia da ancestralidade: corpo e ritmo na Filosofia da Educação Brasileira.** Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2005.

PRATES, Lubi. **Um corpo negro.** São Paulo: Nosotros, 2018.

RAMOS, Lázaro. **Na minha pele.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SANTOS, Miriam. Intelectual negra: a produção literária de Conceição Evaristo. **In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário (Org.). Escrivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo.** 1. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2023. p. 65-86.

SHARPE, Christina. **No vestígio: negritude e existência.** São Paulo: Ubu, 2023.

SILVA, Assunção de Maria Sousa e. Escrivência: itinerário de vidas e de palavras **In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). Escrivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 114-133.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. “Escrivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Psicologia Política**, v. 17, n. 39, p. 203-219, mai./ago. 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** São Paulo, Zahar, 2021.

VELOSO, Caetano; Gilberto Gil. Haiti. **In: Tropicália 2.** Gravadora, Ano.1993

WALKER, Alice. Em busca dos jardins de nossas mães. *In*: WALKER, Alice. **Em busca dos jardins de nossas mães: prosa mulherista**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. p. 209-220.